

A REPUBLICA

ORGAN DO PARTIDO REPUBLICANO

Redactor-chefe—Dr. Pedro Velho

ASSIGNATURAS

Para dentro da provincia por
anno—5:000rs. Para fóra 6\$.

Toda a correspondencia deve
ser dirigida á rua do Viscon-
de de Uruguay n. 6

Natal—segunda-feira, 2 de Setembro de 1889

VOTOS REPUBLICANOS

Como presidente do directorio republicano da provincia e especialmente como candidato venho agradecer aos meus dignos correligionarios o seu comparecimento no pleito eleitoral de 31 de agosto.

Esses poucos que tão nobremente souberam manter a honra da nossa bandeira, mostrando que sabem collocar acima de tudo, illeza e incorruptivel, a sua dignidade, valem mais do que a massa dos inconscientes ou vendidos que amesquinham o seu direito politico, enzoalhando sem pudor essa pobre provincia já tão ludibriada.

Prosigamos na nossa missão, trabalhando com serenidade, firmeza e constancia, e podemos ter a certeza de que os caracteres puros e desinteressados não de vir refugiar-se todos mais cedo ou mais tarde, no generoso partido republicano, que se esforça por instituir no Brazil o unico governo que pôde salvar-nos.

DR. PEDRO VELHO

A REPUBLICA

Natal, 2 de Setembro de 1889

O partido republicano, que se procura a todo transe abater e aniquillar, reuniu no pleito de 31 de agosto, no 1.º districto, 56 votos.

Todos sabem como foi feita esta eleição. A cabeça governante dispunha de argumentos convincentes, e empregou-os com abuso ostensivo e desbragado. Além do soborno e da ameaça as sereias eleitoraes tinham um repertorio de arias encantadoras para enfeitar o miserio votante.

—O seu voto é um voto perdido; o seu candidato por muito sympathico e digno que lhe pareça, não tem probabilidade alguma de triumpho, o amigo vai desgostar o governo sem proveito algum, reflecta que tem familia e não queira dar murros em faca de ponta.

—Isto de ser liberal ou conservador e votar com os adversarios assim que elles chegam ao poder, (adversarios-se o direito de voltar á firmeza dos principios, assim que os velhos amigos empunham de novo o penacho) não é coisa grandemente estranhavel. Muita gente boa tem feito disso, sem d'ahi vir-lhe nenhum dezar; pelo contrario.

—O sr. vota desta vez comosco, e não deve receiar que os seus chefes por isso possam mais tarde exclui-lo dos favores da situação quando forem novamente ou algum dia isto é comosco, governo. Lembre-se que tem seu tio fulano, seu cunhado beltrano que necessariamente hão de sustentá-lo. Aqui para nós, chama-se isto estar a duas amarras—um aperfeiçoado systema, que já tem adeptos.

—Ao novo e pequeno eleitorado republicano cabalou-se com furia. Embaixadores numerosos e luzidos investiram contra o pequeno reducto, desesperados, na gana de reduzi-lo a zero. Pe-

dem ter obtido alguns triumphos facéis, mas soffreram tambem derrotas tremendas capazes de arrepiar a ousadia dos mais acoitados

Nós não podíamos nem *construamos* votos. A dureza cruel desta palavra corresponde desgraçadamente a uma vergonhosa realidade!

Esta primeira batalha foi um cadinho de depuração necessaria, uma prova de dignidade civica da qual o grupo intransigente sahio contente de si e tão cheio de esperanças que do alto das ameias do seu pequeno castello olha para o formigar confuso de lutas deshonestas do fim do imperio, certo de que daquelle cahos sahirá infallivelmente a republica.

O nosso procedimento na campanha eleitoral foi a pratica-leal e correcta da theoria que pregamos. Os correligionarios que não fossem de tempera a resistir, com altivez inquebrantavel a todos os embates da corrupção ou da ameaça, que desertassem. Nós tínhamos um só premio—o honra!

Para quem julgasse somenos este supremo consolo de ser honrado as portas estavam escancaradas.

Somos um partido novo, representamos com justo orgulho um puritanismo que só pode parecer caricato para infelizes desilludidos. Só nos servem caracteres que estejam ao abrigo da mais leve suspeita

Os pusilanimes e os venaes não nos deixão saudades. Quando nos sai de casa um objecto qualquer que ameça putrefacção, sentimos antes alivio do que pena.

O certo é que ficamos bastantes, para provar que existe um nucleo serio e desinteressado de rio-grandenses, que não esperão o 13 de maio da republica para dar vivas e saltar foguetes.

Quando vierem, como hão de vir todos, hão de encontrá-los já; poucos e modestos, mas em todo caso os veteranos.

Os republicanos que acabão de receber o baptismo das urnas, para onde levarão em sua pureza mais completa o pensamento de trabalhar pelo bem da patria, afirmando solemnemente que esperão e creem no futuro, devem reciprocamente estimar-se, considerando-se com razão amente fecundar, que dentro em pouco produzirá os maravilhosos actos da democracia pura.

O eleitorado republicano ha-de constituir-se principalmente de moços, de filhos do povo, que uma lei estreita e injusta afilta da moza dos suffragios, como se elles não valessem tanto ou mais do que o mais graduado medallhão. Entre um barão rico e lórpa e o mais modesto caixeiro, contanto que seja intelligente e honesto; entre um coronel potentado e um pobre artista, contanto que seja senhor de sua vontade não hesitamos em preferir a opinião do caixeiro e do artista.

Está lançada emfim a primeira pedra. O edificio ha-de crescer, e tão vastas proporções ha de tomar, em breve tempo, que poderá conter na confraternisação mais ampla e mais perfeita os brazileiros todos, todos até os actuaes privilegiados, se em vez de *senhores*, mandando irresponsaveis e sagrados sobre a massa genuflexa de um povo de subditos, quiserem ser *cidadãos* de uma patria livre, onde sejão iguaes todos os homens, onde o nascimento e a cor do sangue nada valhão, onde o merito, só o merito conquiste galardões.

o Sr. Nabuco e a Federação

Está eleito pelo 1º districto de Pernambuco o illustre abolicionista que 2 vezes levantou no parlamento a questão da federação das provincias que o partido liberal abraçou então como bandeira e programma.

Muitos dos signatarios dos 2 successivos projectos são hoje cara-duras da pobre e desprezada ideia federativa; mas o pai da creança, o paranympo da misera engeitada se erá tambem um transfuga? Esperamos que não.

Se como abolicionista o eloquente deputado pernambucano levou o seo fetichismo pela causa a ponto de tornar-se victima de accusações pelos rapapés encomiasticos que fez ao Sr. João Alfredo—o ultimo dos convertidos--não é de suppôr que abandone agora o seo novo estandarte politico.

S. Exc. ja deo a entender que o seo systema de proceder é dedicar-se successivamente a uma reforma social ou politica e batalhar por ella até que a conquista se realice.

Será tão federalista como foi denodado patrono da abolição?

E o que dirá o governo?

Acceita, apesar de affirmarem hoje os liberaes que a federação é a republica? Elles tão amigos do Cond d'Eu, irão atraíção o futuro impeador, fazendo uma reforma que equivale a dar-lhe os passaportes?

Acceita. Elles acceitão tudo; o que querem é viver. A questão das ideias é secundaria, o gozo do poder é tudo oje.

100,000,000\$000

O ministro da fazenda pediu emprestada esta quantia e achou quem lho quizesse dar ainda mais!

Delirio de entusiasmo em palacio; a noticia é publicada em numerosos avulsos, para *governo* e deslumbramento dos povos. O thesouro vai encher-se, não cahiremos tão cedo!

Por isso mesmo talvez caiam mais depressa.

Quanto ao extase de admiração que apresenta pelos creditos do governo, isto é uma embaçadella para simplorios. Os nossos governos não costumão vér baterem-lhe com a porta à cara, quando precisam de occupar os amigos...

Ainda no tempo dos conservadores, o Sr. João Alfredo que não era um barra em finanças, apesar dos prognosticos de queda do n.º credito, occasionada pelo choque de 13 de maio, viu subir o cambio de um modo surpreendente. Quem possuia uma sebacea e dilacerada cedula de 10\$000 olhava com desdem para uma loura e amavel esterlina.

Já vêem que isto de acharmos quem ainda nos empreste dinheiro não depende dos governos; não foi o Sr. João Alfredo, nem é o Sr. Ouro-Preto que, pelo seu prestigio garante aos emprestadores que a nação não os hade calotear. A verdade é que, apesar dos esbanjamentos e criminosos arranjos que se tem feito com os dinheiros publicos, nós somos uma nação tão rica que a banca-rota ainda vem longe!

O SR. CONDE D'EU

Fortaleza, S

«Sua Alteza o Sr. Conde d'Eu chegou hoje a esta capital, tendo visitado os municipios de Quixadá, Baturite, Aracape, Pacatuba, Maranguape e Porangaba.

A recepção feita a Sua Alteza foi toda official. Na assemblea provincial, discutindo-se o credito auctorisando o presidente da provincia a despende uma certa quantia com a hospedagem do principe viajante, as galerias manifestam-se contra o credito, havendo alguns apertes violentos dirigidos aos deputados governistas. A sessão tornou-se tumultuosa. Foram dados votos á republica.

Não podendo o Sr. presiaente manter a ordem, suspendeu a sessão.»

(GAZETA DE NOTICIAS)

Lê-se na «Chronica da Semana» editorial da Gazeta de Noticias:

«O Conde d'Eu conseguiu uma conversão extraordinaria, na cidade do Recife, no coração da terra pernambucana, n'essa terra do Brasil que correu parêlhas com a heroica provincia de Minas, nos sonhos da liberdade isso em outros tempos: Sua Alteza, que, quando passou por alli em derrota para o Ceará, apenas viu o Sr. José Mariano; quando voltou e passou por alli, teve o Sr. José Mariano por seu paronympho.

Foi este cavalheiro, ex-deputado e futuro deputado, o idolo e o senhor do Recife, quem o amparou na ida e quem se fez o seu cortezão e attaché na volta; e este cavalheiro, o Sr. José Mariano, era o mesmo que, vinte e tantos dias antes do Sr. conde d'Eu alli chegar, dissera de Sua Alteza o seguinte, em uma sessão da assemblea provincial:

«O Sr. José Maria. — O conde d'Eu, que tem bastante influencia sobre o espirito da Princesa, se a convencesse de que devia vender o paiz aos inglezes e precisasse de um homem nas condições de realiza o hediondo plano, naturalmente chamaria o Sr. João Alfredo, que certo se prestaria a representar o ignominioso papel de vendedor de sua patria ao estrangeiro...»

«O Sr. Barros Barreto. — V. Ex. está fazendo um insulto ao nosso espirito de patriotismo. Depois, isto é uma phantasia.

«O Sr. José Mariano. — A questão é de preço; se lhe chegarem com o preço, elle não terá duvida em effectuar a transação.

«O Sr. José Maria. — O conde d'Eu, já eu dizendo, que teve a habilidade de transformar a cidade do Rio de Janeiro n'uma cidade de cortiços, não poderia encontrar para aquella transação mais docil instrumento, do que o Sr. João Alfredo. Felizmente, senhores...»

«O Sr. Barros Barreto. — Admira que o presidente da assemblea consinta esta linguagem do uobre deputado!

«O Sr. Presidente. (barão de Itapissuma). — A pessoa do Sr. conde d'Eu não é inviolavel e sagrada.

«O Sr. Leonardo de Albuquerque. — O nobre deputado acredita que o conde d'Eu já é rei...»

«O Sr. José Mariano. — Ainda não o é; por enquanto limita-se a negociar em cortiço. (Riso).

«O Sr. José Maria. — O conde d'Eu não é mais do que o marido da princesa, é tanto quanto nós, é menos do que qualquer de nós, porque nem é filho deste torrão abençoado, nem tem

sequer uma outra patria, porque renegou a sua no dia em que, aventureiro audaz, lançou os olhos para o Brazil em busca de um casamento que lhe creasse uma situação, que no velho mundo os seus meritos pessoases não permitiam arpirar.

«O Sr. Barros Barreto. — É um membro da familia imperial, que V. Ex. não pode estar atacando.

«O Sr. José Maria. — Veio em busca de uma mulher, obteve-a; mas não se satizfez com isso: quiz ser dono de cortiços, e foi dono de cortiços, e é dono de cortiços.. (Riso).

«O Sr. José Mariano. — O conde subio mais: mettem-se n'aquella alta escroquerie da Copacabana. Mas o que sobre tudo nos deve preoccupar— é que elle um dia não queira vender-nos a nós.

«Outro Sr. deputado — Descanse V. Exc., o que é mais provavel é que elle venda os cortiços e vá sahindo (Riso).»

Hoje esses mesmos que poucos dias antes de subir ao poder descompunham tão desabridamente o misero consorte, acham-se tão amigos e unidos ao especulador aváro e ganancioso que nos quer vender, que nem unha com carne. Para evidenciar quanto é pernicioso e deletéria a monarchia, basta registrar esses tristes fructos de sua influencia sobre os caracteres politicos!...

A MENTIRA MONARCHICA

O Jornal do Recife e A Provincia, procurando illudir e desnoitear o espirito publico, e principalmente o espirito republicano, noticiam, de vez em quando, que nas provincias do sul os republicanos estão adherindo ao partido liberal.

Para que o publico avalie da veracidade de taes noticias arranjadas, transcrevemos do orgão do partido republicano de Minas a contestação que se segue, e que vem publicada no n.º 29 d'aquelle orgão (O Movimento, de 6 do corrente).

3º DISTRICTO DE MINAS

Apressamo-nos em desmentir a noticia contida na «Tribuna Liberal» de 12 do corrente—de haverem passado para o partido liberal, vinte eleitores republicanos deste municipio. — Não é exacto, pois o que diz o orgão do partido liberal, que naturalmente foi illaqueado em sua boa fé por algum falso informante. Felizmente o dia 31 de agosto está proximo e o resultado eleitoral desta cidade, provará a inverdade do pouco escrupuloso informante.

Protestamos, pois, contra a falsidade da informação.

Ferros, 21 de julho de 1889.

Francisco de Assis Drumond
Antonio de Godoy Monteiro
Manoel Duarte Drumond
José Nicacio Santiago
Sebastião D'ordam de Camargos.

ADHESÃO

O Sr. Manoel Ferreira da Rocha authorisa-nos a declarar pela imprensa, que alista-se desde hoje nas fileiras do partido republicano.

Dizem os jornaes de S. Paulo que em S. Miguel, pertencente ao 5º districto daquela provincia, 80 eleitores liberaes declararam-se republicanos.

O Barão de Itaqui, no Rio Grande do Sul, pedin demissão do commando da guarnição, para declarar-se republicano, e devolveu o titulo.

É hoje o general Silva Tavares.

Por occasião de deixar o commando, a officialidade complimentou-o encorporada e offereceu ao general o seu retracto, orando o alferes Queiroga Rosa.

A «Gazeta de Noticias» da cbrte, em um dos seus ultimos numeros affirma que diversos fazendeiros têm regeitado as honrarias dos baronatos.

Ora, ahí tem o sr. Visconde de Ouro Preto.

Nem sempre as bandeirinhas seguram.

Musa Imperial

Todo mundo já sabia que o sr. D. Pedro II, o sabio doutor de Louvaire, era mais ou menos verzejador.

Pois não havia de o ser! Os braganças não são tão pobres d'intelligencia que não tenham um representante junto ao Parnaso. A felizarda familia não havia de produzir apenas frequentadores devassos dos conventos de freiras, como D. João V; gente desconcertada da bóia como Maria I; aventureiros despoticos e lubricos como o heroe do Ypiranga.

Não havia de ser sempre assim e, para honra dos parentes e felicidade dos povos, D. Luiz pôz-se a traduzir Schakspeare e o titio d'America appareceu ultimamente fazendo versos a tres por dois. Mas que versos! obra papafina!!

Antes da ultima viagem á Europa e da therapeutica do sr. Motta Maia só conheciamos do portentoso poeta aquellos bellos versinhos d' Itú, que mataram de inveja o nosso popular comprovinciano Santaninha, o trovador festejado pela vadiageo fluminense.

Como alguns dos nossos leitores podem desconhecê-los e nunca é inutil a vulgarisação do que é bom, vamos aqui estampal-os, honrando estas columnas:

O sincero acolhimento
Do fiel povo ituano
Gravado fica no peito
De seu grato soberano.

Não consta que a musica indigena se tenha apoderado da lindissima quadrinha, nem que as volumosas vozes dos cantores nacionaes a tenham aproveitado para a solfa da aráuina com qualquer modificação exigida pela largueza do compasso e brevidade do verso; mas o certo é que as quinze doces palavrinhas jazem bem agasalhadas no fundo da memoria brazileira.

Nós dissemos que o poeta se desen-

ILEGIVEL

PÁGINA MANCHADA

volvem ultimamente e parece que a essa ascensão da musa imperial não é estranha a influencia do sulto elemento.

Em pleno «estado satisfatorio», antes do prognostico de Peter, que o indiscreto dr. Dermeval nos revelou, o sr. D. Pedro II, «em pleno mar, a bordo do *Gironde* enthusiasvou-se, encheu-se das saudades da patria e escreveu o sesquipedal soneto que se segue:

Cumpri o meu dever: se mais não fiz,
E' que a molostia me impedio a accção.
Da patria e da familia é o coração
E pra' seu bem eu tudo sempre quiz.

Este adeus saudoso, que lhes diz
Quem os ama, só tem consolação
Na idéa de voltar, qual d'antes, são,
Para entre elles viver, sempre feliz.

E apesar de soffrer longas demoras,
Veudo os progressos dos que mais viveram
Darei aos brazileiros os meus emboras,

Pois seus antigos dotes não perderam,
Revelando-os melhor todas as horas
No que a muitos outros excederam.

Todos se lembrão das crises que atravessou na Europa o nosso illustre soberano: lesões bulbares, glycosuria e obrigação de tomar cafeina á larga, pela mão do dr. Semola, como quem toma café pela propria mão.

Mas a poesia não se faz no bulbo, nem no cerebel-o; nem na protuberancia, nem na espinha, faz-se no cerebro e o cerebro de nosso rei ha de ser poupado ao progresso das lesões inferiores com as muralhas armadas pela sciencia do grande conde (Claudio Velho).

O sabio doutor de Louvain já restaurou as palestras litterarias na Tijuca, onde ha de exhibir a pachorra de suas somnecas; é pena que não possa fazer-lhe companhia o poeta—consul, que longe da patria chora em Venezuela as saudades da quinta—o sr. Mucio Teixeira; porem está no seu posto o barão de Paranapiacaba [uf!], o illustre vate que teve a gloriosa lembrança de resumir Camões... pobre Camões!

Com esse incentivo de palestras litterarias uma vez se lembrando do mar, uma vez tendo de estar «em pleno mar», o sr. D. Pedro II inspirou-se e produziu mais um esplendido soneto.

S. M. teve de fazer uma viagem á Ilha Grande, perto do costa do Rio de Janeiro e então calculou muito bem o grande effeito que faria a leitura de seus versos, acompanhada pelo marulho das ondas, contemplando a vastidão azul, em que

Dois infinitos
Alli se estreitam n'um abraço insano...

O publico brazileiro deve á benemerita «Gazeta de Noticias», cuja reportagem faz milagres, a publicação do bello soneto. Pedimos venia ao collega para abrilhantar as nossas columnas, aqui transcrevendo-o para deslumbramento dos nossos leitores:

E' grande, é bem grande, a Ilha Grande,
Cercada d'agua por todos os lados,
Ferto d'Angra dos Reis, meus antepassados,
E' grande, é bem grande, a Ilha Grande.

O Riachuelo tambem não é pequeno,
Mas custou um dinheiro ao Estado,
Que eu acho aliás muito bem empregado,
Porque o Riachuelo tambem não é pequeno.

E o mar? e o céu? e a terra?
Não são grandes tambem? e a praia?
Tanta grandesa até me aterra!

Minh'alma de prazer quasi desmaia!
Tudo é grande na patria! O valle, a serra,
O mar, o Bendengó e o Motta Maia!

Questão de cartas

A declaração que acaba de ser espalhafatosamente exhibida no órgão official, com ares triumphaes de quem reza o memento do partido republicano, commove-nos de uma maneira mediocre. Não foi até á syncope o nosso espanto e surpresa.

Nós não podemos jurar pela lealdade e firmeza de crenças de todos aquelles que espontaneamente se veem declarar republicanos, mesmo quando o façam com mais abundancia de protestos e na mais vehemente linguagem.

Foi o caso que o nosso ex-correligionario João Ferreira Nobre enviou ao Dr. Pedro Velho uma carta que mais tarde se publicou truncada no *Correio do Natal*, dizendo que não estava para arriscar a pelle por nenhuma ideia e que via tudo vermelho de sangue no futuro do partido republicano. Medo injustificado, previsão infundada.

Nunca o nosso ex-correligionario ouviu de nós expressões que de leve cheirassem a *chamusco*. Os republicanos estão tão seguros da victoria de sua causa, pela conquista crescente da opinião racional; tem tanto a peito dar ao mundo o exemplo augusto de fazer a reforma politica entre bravos e palmas, do mesmo modo que foi feita a reforma social de 13 de maio, que o seu programma jamais encerrou uma só palavra de guerra civil.

A propria comedia do *attentado* que se quiz transformar em arma de accusação contra o nobre e generoso partido nacional, cahio em tal descredito que devem estar arrependidos do dilate aquelles que inventaram a torpe calumnia.

Dissemos que a carta que se publicou vem truncada; realmente o original continha mais estas palavras: *retiro o meu concurso porque o augmento apressado que o partido republicano no Brazil procura conseguir, e tambem com muita prestesa quer chegar aos seus fins, eu julgo que são os preludios de um resultado fatal e desastroso.*

De modo que se a republica se resignasse a aceitar ainda algumas duzias de reinados, andaria com juizo; mas não achar graças nem no 3.º é acodamento fatal e desastroso! São opiniões...

Não é da nossa indole, nem do nosso intento magoar ninguém. O sr. Nobre está no seu pleno direito de voltar contricto ao seu amigo e poderoso do partido liberal, que está nas pujanças. Não o censuramos pelo passo que deu. Entretanto uma consideração deveria detelo: S. S. estava entre nós preenchendo a vaga que a morte cruel abriu em nossas fileiras, roubando-nos um leal e querido companheiro—o seu honrado pai. Um cidadão cuja vida inteira deveria ser para seus filhos um fecundo estimulo e exemplo de intransigencia e firmeza de principios. A sua altiva pobreza nunca se dobrou, em seu espirito jamais houve brecha para nenhuma especie de retratação. Este juizo não é um elogio facil e banal dos que communmente se dispensa aos mortos: o que valia o caracter do velho João Ferreira todos o sabemos.

Que seu filho nos quizesse abandonar pelos futeis pretextos de sua carta, lastimamos, mas é pouco para desanimar-nos.

Não tocaríamos em semelhante assumpto, que á nossa delicadeza repugnava fazer publico, se os governistas não nos quizessem fazer pirraça com a sua *conquista*.

Para terminar publicaremos alguns topicos da carta manifesto que S. S., mesmo antes da primeira reunião republicana de 27 de janeiro endereçou ao nosso redactor chefe, carta que felizmente ficou archivada. Naquelle tempo, apesar da insolente provocação da *guarda negra*, apesar da *loucura* da empresa S. S. era dos mais convictos e decididos. Agora, que já *apparecemos e tratamos de crescer*, vem-lhe o arrependimento e o medo.

Medo de que?

Quem é bastante inepto para julgar crime que não achemos adoraveis os Braganças nem generosos e patriotas os Orleans de Importação?

E' verdade que andão por ahí dizendo ao pobre povo ignorante que ha degredo e força para quem não é monarchista; mas este expediente deshonesto e embusteiro—que explora a ignorancia, conta tão ignobil e infame como explorar a fome—cremos que está abaixo do entendimento de S. S.

Nem mil editaes com que procurem abafar a voz do povo serão capazes de extinguir na alma da nação a sagrada chama do patriotismo.

Eis a carta a que nos referimos; comparem-na com a ultima e digão qual é a mais sincera:

«Maxaranguape 16 de Janeiro de 1889—Ilm. Sr. Dr. Pedro Velho de Albuquerque Maranhão.—Constando aos eleitores abaixo subscriptos que V. S. acha-se fazendo propaganda republicana, e convencidos, pelas apreciações que tem feito dos ultimos acontecimentos do paiz, de que os males que afflictão todas as classes da nossa sociedade provem da monarchia, não devem deixar de tomar parte em tão grande commettimento.

«O imperador tem-se mostrado o maior inimigo dos brazileiros; isto porque tem procurado corromper a todos os caracteres honestos, invadindo tambem todos os poderes constituídos do estado.

«Os dous partidos monarchicos, que derigem actualmente os destinos da nação, tem mostrado á luz da evidencia que não se podem mais cercar de prestigio o criterio indispensaveis aos governos honestos e moralizados.

«A ultima questão militar nos veio convencer de que hoje o governo da monarchia não passa de uma ficção, de um cadaver em decomposição.

«Em nosso ver, da monarchia, seu governo e os demais poderes só resta a confusão e a duvida; um montão de ruinas emfim, onde está sepultado todo o progresso material e moral do paiz ha mais de meio seculo.

«Convencidos como estamos de que no continente americano a monarchia tem perdido toda razão de ser, abraçamos de coração e com a maior effusão de nossa alma a bandeira republicana, sob a protecção da qual esperamos um prospero futuro.

«Resta-nos enviar a V. S. um brado de animação, e assegurar a V. S. a nossa fraca, mas leal coadjunção, em todas as eventualidades onde o destino tenha de conduzir os operarios da regeneração.

«Reiteramos os protestos de alta estima e consideração com que nos subseremos—De V. S. Amigos e Correligionarios Respeitadores—João Ferreira Nobre Junior.»

(Traz outras assignaturas).

—o—

CARTA DO RECIFE

O ambiente desta bella cidade do Recife está saturado de politica... Cedendo á influencias mesologicas de tal natureza, tenho feito de todas as cartas, que daqui hei dirigido para ahí, antes uma chronica de factos mais ou menos referentes ao pleito do dia 31, que uma rezeinha noticiosa de occurencias mencionaveis. Realmente: o povo de Pernambuco (e quando digo povo não me refiro á massa, que o Sr. José Marianno enfreia, esporejando) vive neste momento na ancia e no acodamento de uma fortissima agitação no sentido da politica.

Posso distinguir duas correntes bem distinctas no geral do eleitorado, que ha de fazer pelo 1.º e pelo 2.º districto os representantes Pernambucanos no Parlamento. Ha os *carneiros de Pamurgio*, que seguem submissamente as indicações governamentais e ha os *rebeldes*, que irão dar a nota vibrante de uma honrosa dissonancia na eleição proxima. Os primeiros votarão, metade no Sr. Joaquim Nabuco, e outra metade no Sr. Machado Portella, quanto ao primeiro districto; quanto ao segundo reservarão grande maioria para o Sr. Marianno e uma parte para o Sr. Tolentino de Carvalho.

Resião os *rebeldes*: estes não suffragarão tanto quanto seria de desejar o candidato republicano do 1.º, o Sr. Annibal Falcão, mas, certo, farão melhor no 2.º com o Sr. Gomes de Mattos.

Houve pelo directorio liberal um quer que seja de amãos e receios com referencia á apresentação do Dr. Nabuco, cujas phantasias federalistas já são mal aos *magnatas* da terra; de modo que diz-se a bocca pequena que a in-

jeição de seu illustre nome na chapa do parti-

Cap. m. Pedro Velho

A REPUBLICA

ORGAM DO PARTIDO REPUBLICANO

Redactor-chefe— Dr. Pedro Velho

Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua do Visconde de Uruguay n. 6

ASSIGNATURAS
Para dentro da provincia por anno— 5:000rs. Para fóra 6s.

Natal—Segunda-feira, 2 de Setembro de 1889

VOTOS REPUBLICANOS

Como presidente do directorio republicano da provincia e especialmente como candidato venho agradecer aos meus dignos correligionarios o seu comparecimento no pleito eleitoral de 31 de agosto.

Esses poucos que tão nobremente souberam manter a honra da nossa bandeira, mostrando que sabem collocar acima de tudo, illeza e incorruptivel, a sua dignidade, valem mais do que a massa dos inconscientes ou vendidos que amesquinham o seu direito politico, enxovilhando sem pudor essa pobre provincia já tão ludibriada.

Prosigamos na nossa missão, trabalhando com serenidade, firmeza e constancia, e podemos ter a certeza de que os caracteres puros e desinteressados hão de vir refugiar-se todos mais cedo ou mais tarde, no generoso partido republicano, que se esforça por instituir no Brazil o unico governo que pôde salvar-nos.

DR. PEDRO VELHO

A REPUBLICA

Natal, 2 de Setembro de 1889

O partido republicano, que se procura a todo transe abater e aniquilar, reuniu no pleito de 31 de agosto, no 1º districto, 56 votos.

Todos sabem como foi feita esta eleição. A cabala governista dispunha de argumentos convincentes, e empregou-os com abuso ostensivo e desbragado. Além do soborno e da ameaça as sereias eleitoraes tinham um repertorio de arias encantadoras para enfeitar o miserio volante.

—O seu voto é um voto perdido; o seu candidato por muito sympathico e digno que lhe pareça, não tem probabilidade alguma de triumpho, o amigo vai desgostar o governo sem proveito algum, reflecta que tem familia e não queira dar murros em faca de ponta.

—Isto de ser liberal ou conservador e voltar com os adversarios assim que elles chegam ao poder, (reservando-se o direito de voltar á firmeza dos principios, assim que os velhos amigos empunharem de novo o penacho) não é cousa grandemente estranhavel. Muita gente boa tem feito disso, sem d'ahi vir-lhe nenhum dezar; pelo contrario.

—O sr. vota desta vez connosco, e não deve receiar que os seus chefes por isso possam mais tarde exclui-lo dos favores da situação quando forem novamente em algum districto é connosco, governo. Lembre-se que tem seu tio fulano, seu cunhado beltrano que necessariamente hão de sustentá-lo. Aqui para nós, chama-se isto estar a duas amarras—um aperfeiçoado systema, que já tem adeptos numerosos.

Ao novo e pequeno eleitorado republicano cabalou-se com furia. Enbaixadores numerosos e luzidos investião contra o pequeno reducto, desesperados, na gaza de reduzir-nos a zero. Po-

dem ter obtido alguns triumphos facéis, mas sofreram tambem derrotas tremendas capazes de arrepiar a ousadia dos mais afoitos

Nós não pedimos nem compramos votos. A dureza cruel desta palavra corresponde desgraçadamente a uma vergonhosa realidade!

Esta primeira batalha foi um cadinho de depuração necessaria, uma prova de dignidade civica da qual o grupo intransigente sahio contente de si e tão cheio de esperanças que do alto das ameias do seu pequeno castello olha para o formigar confuso das lutas deshonestas do fim do imperio, certo de que daquelle cahos sahirá infallivelmente a republica.

O nosso procedimento na campanha eleitoral foi a pratica leal e correcta da theoria que pregamos. Os correligionarios que não fosssem de tempera a resistir com altivez inquebrantavel a todos os embates da corrupção ou da ameaça, que desertassem. Nós tinhamos um só premio—a honra!

Para quem julgasse somenos este supremo consolo de ser honrado as portas estavam escancaradas.

Somus um partido novo, representamos com justo orgulho um puritanismo que só pode parecer caricato para infelizes desiludidos. Só nos servem caracteres que estejam ao abrigo da mais leve suspeita

Os pusilanimes e os venas não nos deixão saudades. Quando nos sai de casa um objecto qualquer que ameça putrefacção, sentimos antes alivio do que pena.

O certo é que ficamos bastantes para provar que existe um nucleo serio e desinteressado de rio-grandenses, que não esperão o 13 de maio da republica para dar vivas e soltar foguetes.

Quando vierem, como hão de vir todos, hão de encontrar-nos já; poucos e modestos, mas em todo caso os veteranos.

Os republicanos que acabão de receber o baptismo das urnas, para onde levarão em sua pureza mais completa o pensamento de trabalhar pelo bem da patria, affirmando solememente que esperão e creem no futuro, devem reciprocamente estimar-se, considerando-se com razão a semente fecunda, que dentro em pouco produzirá os maravilhosos fructos da democracia pura.

O eleitorado republicano ha-de constituir-se principalmente de moços, de filhas do povo, que uma lei estreita e injusta afasta da meza dos suffragios, como se elles não valessem tanto ou mais do que o mais graduado medallhão. Entre um barão rico e lorpa e o mais modesto caixaero, contanto que seja intelligente e honesto; entre um coronel potentado e um pobre artista, contanto que seja senhor de sua vontade não hesitamos em preferir a opinião do caixaero e do artista.

Está lançada emfim a primeira pedra. O edificio ha-de crescer, e tão vastas proporções ha de tomar, em breve tempo, que poderá conter na confraternisação mais ampla e mais perfeita os brazileiros todos, todos até os actuaes privilegiados, se em vez de senhores, mandando irresponsaveis e sagrados sobre a massa genuflexa de um povo de subditos, quizerem ser cidadãos de uma patria livre, onde sejam iguaes todos os homens, onde o nascimento e a cor do sangue nada valhão, onde o merito, só o merito conquistado galardões.

o Sr. Nabuco e a Federação

Está eleito pelo 1º districto de Pernambuco o illustre abolicionista que 2 vezes levantou no parlamento a questão da federação das provincias que o partido liberal abraçou então como bandeira e programma.

Muitos dos signatarios dos 2 successivos projectos são hoje cara-duras da pobre e desprezada ideia federativa; mas o pai da creança, o paranympo da misera engeitada será tambem um transfuga? Esperamos que não.

Se como abolicionista o eloquente deputado pernambucano levou o seo fetichismo pela causa a ponto de tornar-se victima de accusações pelos rapés encomiasticos que fez ao Sr. João Alfredo—o ultimo dos convertidos—não é de suppôr que abandone agora o seo novo estandarte politico.

S. Exc. ja deu a entender que o seo systema de proceder é dedicar-se successivamente a uma reforma social ou politica e batalhar por ella até que a conquista se realice.

Será taõ federalista como foi denodado patrono da abolição?

E o que dirá o governo?

Acceita, apezar de affirmarem hoje os liberaes que a federação é a republica? Elles taõ amigos do Cond d'Eu, irão traiçoar o futuro imperador, fazendo uma reforma que equivale a dar-lhe os passaportes?

Acceita. Elles acceitão tudo; o que querem é viver. A questão das ideias é secundaria, o gozo do poder é tudo oje.

100,000,000\$000

O ministro da fazenda pediu emprestada esta quantia e achou quem lhe quizesse dar ainda mais!

Delirio de entusiasmo em palacio; a noticia é publicada em numerosos avulsos, para governo e deslucramento dos povos. O thesouro vai encher-se, não cahiremos taõ cedo!

Por isso mesmo talvez caiam mais depressa.

Quanto ao extase de admiração que apresentaõ pelos creditos do governo, isto é uma embaçadella para simplorios. Os nossos governos não costumão vér baterem lhe com a porta à cara, quando precisam de occupar os amigos...

Ainda no tempo dos conservadores, o Sr. João Alfredo que não era um barão em finanças, apezar dos prognosticos de queda do nesso credito, occasionada pelo choque de 13 de maio, viu subir o cambio de um modo surprehendente. Quem possuia uma sebacea e dilacerada cedula de 10\$000 olhava com desdem para uma loura e amavel esterlina.

Já vêem que isto de acharmos quem ainda nos empreste dinheiro não depende dos governos; não foi o Sr. João Alfredo, nem é o Sr. Ouro-Preto que, pelo seu prestigio garante aos emprestadores que a nação não os hade calotear. A verdade é que, apesar dos esbanjamentos e criminosos arranjos que se tem feito com os dinheiros publicos, nós somos uma nação tão rica que a banca-rola ainda vem longe!

O SR. CONDE D'EU

Fortaleza, 8

«Sua Alteza o Sr. Conde d'Eu chegou hoje a esta capital, tendo visitado os municipios de Quicada, Baturité, Aracape, Pacatuba, Maranguape e Porangaba.

A recepção feita a Sua Alteza foi toda official. Na assemblea provincial, discutindo-se o credito auctorisando o presidente da provincia a despende uma certa quantia com a hospedagem do principe viajante, as galerias manifestum-se contra o credito, havendo alguns apertes violentos dirigidos aos deputados governistas. A sessão tornou-se tumultuosa. Foram dados votos á republica.

Não podendo o Sr. presiaente manter a ordem, suspendeu a sessão.»

(GAZETA DE NOTICIAS)

Lê-se na «Chronica da Semana» editorial da Gazeta de Noticias:

«O Conde d'Eu conseguiu uma conversão extraordinaria, na cidade do Recife, no coração da terra pernambucana, n'essa terra do Brasil que correu parilhas com a heroica provincia de Minas, nos sonhos da liberdade isso em outros tempos: Sua Alteza, que, quando passou por alli em derrota para o Ceará, apenas viu o Sr. José Mariano; quando voltou e passou por alli, teve o Sr. José Mariano por seu parânympo.

Foi este cavalheiro, ex-deputado e futuro deputado, o idolo e o senhor do Recife, quem o amparou na ida e quem se fez o seu cortezão e attaché na volta; e este cavalheiro, o Sr. José Mariano, era o mesmo que, vinte e tantos dias antes do Sr. conde d'Eu alli chegar, dissera de Sua Alteza o seguinte, em uma sessão da assemblea provincial:

«O Sr. José Maria. — O conde d'Eu, que tem bastante influencia sobre o espirito da Princesa, se a convencesse de que devia vender o paiz aos inglezes e precisasse de um homem nas condições de realiza o hediondo plano, naturalmente chamaria o Sr. João Alfredo, que certo se prestaria a representar o ignominioso papel de vendedor de sua patria ao estrangeiro...»

«O Sr. Barros Barreto. — V. Ex. está fazendo um insulto ao nosso espirito de patriotismo. Depois, isto é uma phantasia.

«O Sr. José Mariano. — A questão é de preço; se lhe chegarem com o preço, elle não terá duvida em effectuar a transação.

«O Sr. José Maria. — O conde d'Eu, ja eu dizendo, que teve a habilidade de transformar a cidade do Rio de Janeiro n'uma cidade de cortiços, não poderia encontrar para aquella transação mais docil instrumento do que o Sr. João Alfredo. Felizmente, senhores...»

«O Sr. Barros Barreto. — Admira que o presidente da assemblea consinta esta linguagem do uobre deputado!

«O Sr. Presidente. (barão de Itapissuma). — A pessoa do Sr. conde d'Eu não é inviolavel e sagrada.

«O Sr. Leonardo de Albuquerque. — O nobre deputado acredita que o conde d'Eu já é rei...»

«O Sr. José Mariano. — Ainda não o é; por enquanto limita-se a negociar em cortiço. (Riso).

«O Sr. José Maria. — O conde d'Eu não é mais do que o marido da princeza, é tanto quanto nós, é menos do que qualquer de nós, porque nem é filho deste torrão abençoado, nem tem

sequer uma outra patria, porque renegou a sua no dia em que, aventureiro audaz, lançou os olhos para o Brazil em busca de um casamento que lhe creasse uma situação, que no velho mundo os seus meritos pessoases não permitiam arpirar.

«O Sr. Barros Barreto. — É um membro da familia imperial, que V. Ex. não pode estar atacando.

«O Sr. José Maria. — Veio em busca de uma mulher, obteve-a; mas não se satizez com isso: quiz ser dono de cortiços, e foi dono de cortiços, e é dono de cortiços... (Riso).

«O Sr. José Mariano. — O conde subio mais: mettu-se n'aquella alta escroquerie da Copacabana. Mas o que sobre tudo nos deve preoccupar — é que elle um dia não queira vender-nos a nós.

«Outro Sr. deputado — Descanse V. Ex., o que é mais provavel é que elle venda os cortiços e vá sahindo (Riso).»

Hoje esses mesmos que poucos dias antes de subir ao poder descompunham tão desabridamente o misero consorte, acham-se tão amigos e unidos ao especulador aváro e ganancioso que nos quer vender, que nem unha com carne. Para evidenciar quanto é pernicioso e deletéria a monarchia, basta registrar esses tristes fructos de sua influencia sobre os caracteres politicos!...

A MENTIRA MONARCHICA

O Jornal do Recife e A Provincia, procurando illudir e desnoitear o espirito publico, e principalmente o espirito republicano, noticiam, de vez em quando, que nas provincias do sul os republicanos estão adherindo ao partido liberal.

Para que o publico avalie da veracidade de taes noticias arranjadas, transcrevemos do orgão do partido republicano de Minas a contestação que se segue, e que vem publicada no n.º 29 d' aquelle orgão (O Movimento, de 6 do corrente).

3º DISTRICTO DE MINAS

Apressamo-nos em desmentir a noticia contida na «Tribuna Liberal» de 12 do corrente — de haverem passado para o partido liberal, vinte eleitores republicanos deste municipio. — Não é exacto, pois, o que diz o orgão do partido liberal, que naturalmente foi illaqueado em sua boa fé por algum falso informante. Felizmente o dia 31 de agosto está proximo e o resultado eleitoral desta cidade, provará a inverdade do pouco escrupuloso informante.

Protestamos, pois, contra a falsidade da informação.

Ferros, 21 de julho de 1889.

Francisco de Assis Drummond
Antonio de Godoy Monteiro
Manoel Duarte Drummond
José Nicacio Santiago
Sebastião D'ordam de Camargos.

ADHESÃO

O Sr. Manoel Ferreira da Rocha authorisa-nos a declarar pela imprensa, que alista-se desde hoje nas fileiras do partido republicano.

Dizem os jornaes de S. Paulo que em S. Miguel, pertencente ao 5º districto daquela provincia, 80 eleitores liberaes declararaõ-se republicanos.

O Barão de Itaqui, no Rio Grande do Sul, pediu demissão do commando da guarnição, para declarar-se republicano, e devolveu o titulo.

É hoje o general Silva Tavares.

Por occasião de deixar o commando, a officialidade comprimentou-o encorpurada e offereceu ao general o seu retracto, orando o alferes Queiroga Rosa.

A «Gazeta de Noticias» da corte, em um dos seus ultimos numeros afirma que diversos fazendeiros têm regeitado as honrarias dos baronatos.

Ora, ahí tem o sr. Visconde de Ouro Preto.

Nem sempre as bandeirinhas seguram.

Musa Imperial

Todo mundo já sabia que o sr. D. Pedro II, o sabio doutor de Louvaire, era mais ou menos versejador.

Pois não havia de o ser! Os braganças não são tão pobres d'intelligencia que não tenham um representante junto ao Parnaso. A felizarda familia não havia de produzir apenas frequentadores devassos dos conventos de freiras, como D. João V; gente desconcertada da bóla como Maria I; aventureiros despoticos e lubricos como o heroe do Ypiranga.

Não havia de ser sempre assim e, para honra dos parentes e felicidade dos povos, D. Luiz pôz-se a traduzir Schakspeare e o titio d'America appareceu ultimamente fazendo versos a tres por dois. Mas que versos! obra papafina!!

Antes da ultima viagem á Europa e da therapeutica do sr. Motta Maia só conheciamos do portentoso poeta aquellos bellos versinhos d' Itú, que mataram de inveja o nosso popular comprovinciano Santaninha, o trovador festejado pela vadiageo fluminense.

Como alguns dos nossos leitores podem desconhecê-los e nunca é inutil a vulgarisação do que é bom, vamos aqui estampal-os, honrando estas columnas:

O sincero acolhimento
Do fiel povo ituano
Gravado fica no peito
De seu grato soberano.

Não consta que a musica indigena se tenha apoderado da lindissima quadriinha, nem que as volumosas vozes dos cantores nacionaes a tenham aproveitado para a solfa da arauína com qualquer modificação exigida pela largueza do compasso e brevidade do verso; mas o certo é que as quinze doces palavrinhas jazeu bem agasalhadas no fundo da memoria brasileira.

Nós dissemos que o poeta se desen-

volviera «ultimamente» e parece que a essa ascensão da musa imperial não é estranha a influencia do salso elemento.

Em pleno «estado satisfatorio», antes do prognostico de Peter, que o indiscreto dr. Dermeval nos revelou, o sr. D. Pedro II, «em pleno mar, a bordo do *Gironde*» entusiasmou-se, encheu-se das saudades da patria e escreveu o sesquipedal soneto que se segue:

Cumpri o meu dever: se mais não fiz,
E' que a moléstia me impedio a accção.
Da patria e da familia é o coração
E pra' seu bem eu tudo sempre quiz.

Este adeus saudoso, que lhes diz
Quem os ama, só tem consolação
Na idéa de voltar, qual d'antes, são,
Para entre elles viver, sempre feliz.

E apêzar de soffrer longas demoras,
Vendo os progressos dos que mais viveram
Darei aos brazileiros os meus emboras,

Pois seus antigos dotes não perderam,
Revelando-os melhor todas as horas
No que a muitos outros excederam.

Todos se lembrão das crises que atravessou na Europa o nosso illustre soberano: lesões bulbares, glycosuria e obrigação de tomar cafeina á larga, pela mão do dr. Semola, como quem toma café pela propria mão.

Mas a poesia não se faz no bulbo, nem no cerebel-o; nem na protuberancia, nem na espinha, faz-se no cerebro e o cerebro de nosso rei ha de ser poupado ao progresso das lesões inferiores com as muralhas armadas pela sciencia do grande cende [Claudio Velho].

O sabio doutor de Louvain já restaurou as palestras litterarias na Tijuca, onde ha de exhibir a pachorra de suas somnecas; é pena que não possa fazer-lhe companhia o poeta—consul, que longe da patria chora em Venezuela as saudades da quinta—o sr. Mucio Teixeira; porem está no seu posto o barão de Parauapiacaba [uf!], o illustre vate que teve a gloriosa lembrança de resumir Camões... pobre Camões!

Com esse incentivo de palestras litterarias uma vez se lembrando do mar, uma vez tendo de estar «em pleno mar», o sr. D. Pedro II inspirou-se e produziu mais um esplendido soneto.

S. M. teve de fazer uma viagem á Ilha Grande, perto do costa do Rio de Janeiro e então calculou muito bem o grande effeito que faria a leitura de seus versos, acompanhada pelo marulho das ondas, contemplan-do a vastidão azul, em que

Dois infinitos
Alli se estreitam n'um abraço insano...

O publico brazileiro deve á benemerita «Gazeta de Noticias», cuja reportagem faz milagres, a publicação do bello soneto. Pedimos venia ao collega para abrilhantar as nossas columnas, aqui transcrevendo-o para deslumbramento dos nossos leitores:

E' grande, é bem grande, a Ilha Grande,
Cercada d'agua por todos os lados,
Perto d'Angra dos Reis, meus antepassados,
E' grande, é bem grande, a Ilha Grande.

O Riachuelo tambem não é pequeno,
Mas custou um dinheiro ao Estado,
Que eu acho aliás muito bem empregado,
Porque o Riachuelo tambem não é pequeno.

E o mar? e o céu? e a terra?
Não são grandes tambem? e a praia?
Tanta grandesa até me aterra!

Min' alma de prazér quasi desmaia!
Tudo é grande na patria! O valle, a serra,
O mar, o Bendegó e o Motta Maia!

Questão de cartas

A declaração que acaba de ser espalhafatosamente exhibida no órgão official, com ares triumphaes de quem reza o memento do partido republicano, commove-nos de uma maneira mediocre. Não foi até á syncope o nosso espanto e surpresa.

Nós não podemos jurar pela lealdade e firmeza de crencas de todos aquelles que espontaneamente se vem declarar republicanos, mesmo quando o façam com mais abundancia de protestos e na mais vehemente linguagem.

Foi o caso que o nosso ex-correligionario João Ferreira Nobre enviou ao Dr. Pedro Velho uma carta que mais tarde se publicou truncada no *Correio do Natal*, dizendo que não estava para arriscar a pelle por nenhuma ideia e que via tudo vermelho de sangue no futuro do partido republicano. Medo injustificado, previsão infundada.

Nunca o nosso ex-correligionario ouviu de nós expressões que de leve cheirassem a *chamusco*. Os republicanos estão tão seguros da victoria de sua causa, pela conquista crescente da opinião nacional; tem tanto a peito dar ao mundo o exemplo augusto de fazer a reforma politica entre bravos e palmas, do mesmo modo que foi feita a reforma social de 13 de maio, que o seu programma jamais eucertou uma só palavra de guerra civil.

A propria comedia do *attentado* que se quiz transformar em arma de accusação contra o nobre e generoso partido nacional, cahio em tal descredito que devem estar arrependidos do dilate aquelles que inventaram a torpe calunnia.

Dissemos que a carta que se publicou vem truncada; realmente o original continha mais estas palavras: *retiro o meu concurso porque o augmento apressado que o partido republicano no Brazil procura conseguir, e tambem com muita prestesa quer chegar aos seus fins, eu julgo que são os preludios de um resultado fatal e desastrosa.*

De modo que se a republica se resignasse a aceitar ainda algumas duzias de reinados, andaria com juizo; mas não achar graças nem no 3º é açodamento fatal e desastroso! São opiniões...

Não é da nossa indole, nem do nosso intento magoar ninguém. O sr. Nobre está no seu pleno direito de voltar contricto ao scio amigo e poderoso do partido liberal, que está nas *pujanças*. Não o censuramos pelo passo que deu. Entretanto uma consideração deveria detelo: S. S. estava entre nós preenchendo a vaga que a morte cruel abriu em nossas fileiras, roubando-nos um leal e querido companheiro—o seu honrado pai. Um cidadão cuja vida inteira deveria ser para seus filhos um fecundo estimulo e exemplo de intransigencia e firmeza de principios. A sua altiva pobreza nunca se dobrou, em seu espirito jamais houve brecha para nenhuma especie de retratação. Este juizo não é um elogio facil e banal dos que communmente se dispensa aos mortos: o que valia o caracter do velho João Ferreira todos o sabemos.

Que seu filho nos quizesse abandonar pelos futeis pretextos de sua carta, lastimamos, mas é pouco para desanimar-nos.

Não tocaríamos em semelhante assumpto, que á nossa delicadeza repugnava fazer publico, se os governistas não nos quizessem fazer pirraça com a sua *conquista*.

Para terminar publicaremos alguns topicos da carta manifesto que S. S., mesmo antes da primeira reunião republicana de 27 de janeiro endereçou ao nosso redactor chefe, carta que felizmente ficou archivada. Naquelle tempo, apêzar da *loucura* da empresa S. S. era dos mais convictos e decididos. Agora, que já *apparecemos e tratamos de crescer*, vem-lhe o arrependimento e o medo.

Medo de que?

Quem é bastante inepto para julgar crime que não achemos adoraveis os Braganças nem generosos e patriotas os Orleans de importação?

E' verdade que andão por ahi dizendo ao pobre povo ignorante que ha degredo e forca para quem não é monarchista; mas este expediente deshonesto e embusteiro—que explora a ignorancia, cou-ra tão ignobil e infame como explorar a fome—cremos que está abaixo do entendimento de S. S.

Nem mil editaes com que procurem abafar a voz do povo seião capazes de extinguir na alma da nação a sagrada chama do patriotismo.

Eis a carta a que nos referimos: comparem-na com a ultima e digão qual é a mais sincera:

«Maxaranguape 16 de Janeiro de 1889—Ilm. Sr. Dr. Pedro Velho de Albuquerque Maranhão.—Constando aos eleitores abaixo subscriptos que V. S. acha-se fazendo propaganda republicana, e convencidos, pelas apreciações que tem feito dos ultimos acontecimentos do paiz, de que os males que afflictão todas as classes da nossa sociedade provem da monarchia, não devem deixar de tomar parte em tão grande commettimento.

«O imperador tem-se mostrado o maior inimigo dos brazileiros; isto porque tem procurado corromper a todos os caracteres honestos, invadindo tambem todos os poderes constituídos do estado.

«Os dous partidos monarchicos, que derigem actualmente os deslinos da nação, tem mostrado á luz da evidencia que não se podem mais cercar de prestigio e criterio indispensaveis aos governos honestos e moralizados.

«A ultima questão militar nos veio convencer de que hoje o governo da monarchia não passa de uma ficção, de um cadaver em decomposição.

«Em nosso ver, da monarchia, seu governo e os demais poderes só resta a confusão e a duvida; um montão de ruinas emfim, onde está sepultado todo o progresso material e moral do paiz ha mais de meio seculo.

«Convencidos como estamos de que no continente americano a monarchia tem perdido toda razão de ser, abraçamos de coração e com a maior effusão de nossa alma a bandeira republicana, sob a protecção da qual esperamos um prospero futuro.

«Resta-nos enviar a V. S. um brado de animação, e assegurar a V. S. a nossa fraca, mas leal coadjuvação, em todas as eventualidades onde o destino tenha de conduzir os operatios da regeneração.

«Reiteramos os protestos de alta estima e consideração com que nos subseremos.—De V. S. Amigos e Correligionarios Respeitadores—*João Ferreira Nobre Junior*»

(Traz outras assignaturas).

—o—

CARTA DO RECIFE

O ambiente desta bella cidade do Recife está saturado de politica... Cedendo á influencias mesologicas de tal natureza, tenho feito de todas as cartas, que daqui hei dirigido para ahi, antes uma khronica de factos mais ou menos referentes ao pleito do dia 31, que uma reze-nha noticiosa de occorrencias mencionaveis. Realmente: o povo de Pernambuco (e quando digo *povo* não me refiro á massa, que o Sr. José Marianno enfreia, esporeando) vive neste momento na ancia e no açodamento de uma fortissima agitação no sentido da politica.

Posso distinguir duas correntes bem distinctas no geral do eleitorado, que ha de fazer pelo 1º e pelo 2º districto os representantes Pernambucanos no Parlamento. Ha os *carneiros de Pamurgio*, que seguem submissamente as indicações governamentais e ha os *rebeldes*, que irão dar a nota vibrante de uma honrosa dissonancia na eleição proxima. Os primeiros votarão, metade no Sr. Joaquim Nabuco, e outra metade no Sr. Machado Partella, quanto ao primeiro districto; quanto ao segundo reservarão grande maioria para o Sr. Mariano e uma parte para o Sr. Tolentino de Carvalho.

Restão os *rebeldes*: estes não suffragarão tanto quanto seria de desejar o candidato republicano do 1º, o Sr. Annibal Falcão, mas, certo, farão melhor no 2º com o Sr. Gomes de Mattos.

Houve pelo directorio liberal um quer que seja de amúos e receios com referencia á apresentação do Dr. Nabuco, cujas phantasias federalistas já são mal aos *magnatas* da terra; de modo que diz-se a bocca pequena que a inclusão de seu illustre nome na chapa do parti-

do só vale *pro formula*, e isto dará grandes vantagens ao conservador por cuja victoria não me daria apostar. Outro e por melhor futuro auguro ao liberal do 2º, o Sr. José Marianno; este não encontra competencia forte no Sr. Tolentino de Carvalho e, pelo contrario, na petulante linguagem dos homens feitos, diz em sua circular que não se contenta com uma simples maioria, quer uma prova plena de sua soberania, quer o ganho absoluto.

Mas o Sr. Gomes de Mattos, cuja hombridade de kharacter, generosidade de principios e acúmulo de serviços á classe commercial são geralmente reconhecidos e louvados, levará, quicá, o tribuno da abolição a um segundo esrutínio.

Isto, de resto, será uma derrota moral para aquelle que se julga dono e senhor de barão e cutello de todo o 2º districto. E, si não posso prever igualmente da eleição do talentoso e honrado Sr. Annibal Falcão, si a mim affigura-se que elle cederá ante a volação conservadora, é que entre nós, os republicanos, a cabala não é, como entre os da monarchia, uma negociata: nós não fazemos coroneis da guarda nacional nem amanuenses.

Explico a mixtão que fiz de liberaes e conservadores no mesmo rol de *carneiros de Paucurgio*. Quer uns quer outros os do Sr. de Ouro Preto e os do Sr. João Alfredo ou Paulino de Souza (?) tem, proxima ou remotamente um fito nas locupletações do poderio, quer uns quer outros aspirão a representação no sentido do mando, e com elles este eleitorado, todo de funcionarios demettidos e que aspirão voltar e dos que estão e procurão ficar.

Ambrosio Machado, o austero e sizudissimo candidato republicano do 7º districto, tem feito andar n'uma dobador ao Sr. José Marianno, tão rijas accusações lhe tem azorragado, ha dias.

Está á mostra a calva do politico a quem, em editoria, o *Correio do Povo*, do Rio chamou *falso patriota*. E' actualmente esta a mais interessante discussão, que registra a imprensa de cá.

Em substituição ao *Diario de Noticias*, que morreu, começou a publicar-se a 23 deste mez o *Jornal do Commercio*, neutro, órgão de defeza do commercio e da lavoura, é de direcção de Baptista de Medeiros, um habil e digno terceiro annista de Direito.

De todas as manifestações que por aqui obtive D. Gastão de Orleães, príncipe-cosnorte, á que mais tristemente celebre se tornou foi a de seu sexquipedal discurso no acto do assentamento da primeira pedra do projectado edificio para a *Eskhola de Direito*.

Enorme!
Em uma festa essencialmente academica, era o menor numero de assistentes justamente de academicos, ao passo que toda a guarnição da capital *formava*, n'uma espectacularidade pedantesca e ostensiva. O Sr. d'Eu fez n'um pessimo portuguez a apologia da monarchia, fallou do brilho e generosidade das populações do Norte, prometeu liberdades e acabou dando um viva ao Imperio!

Enorme!
Foi, felizmente, esta a ultima das *sortes* que o *rei-perigrino* deu aqui: seguiu no *Una* para Alagoas e por lá se demora ainda.
Recife, 28 de agosto de 1889.

Braz de Mello.

SOLICITADAS

Os soccorros publicos e a eleição geral

O procedimento dos delegados do gabinete Ouro Preto com relação ao esbanjamento dos dinheiros publicos na compra de votos para os candidatos officiaes, vem accentuar a nullidade de seu prestigio diante da nação.

Quando um governo qualquer dispõe-se ao recurso desses meios indecorosos e reprovados, vendendo o pão que mata a fome e a roupa que cobre a nudez do pobre, não a troco de trabalho, mas a troco da consciencia—em manejos eleitoraes esse governo julga-se completo-

mente perdido; e no lodacal da corrupção, em que vive mergulhado, procura atirar tambem os brios e a dignidade da Patria! E' a immoralidade em seu desespero.

E assim vão os homens do poder, *desfuzados* na roupagem de monarchistas, demolindo, á surdina, os falsos alicerces do throno, cujos dias estão contados pela vida do velho imperador!

Só na pessoa do actual presidente do conselho poderia a corôa encontrar a satisfação de sua vontade e de seus caprichos!

Sim; porque sabemos que outros, chamados de *preferencia*, não quizeram se encarregar da *empreza*!

A escolha, porém, do estadista mineiro para dirigir os destinos do paiz, em lugar de servir de auxilio á realza, vae dia a dia cavando-lhe a ruina!

E não se persuadam os agentes da monarchia de que o sustentado desta instituição está na pressão exercida sobre o eleitorado, que tem de comparecer ás urnas e na publicação de editaes, proibindo as reuniões populares, que hontem a *«Tribuna Liberal»* dizia serem garantidas por lei!!

Ao contrario, o emprego desses meios torpes vêm acelerar a victoria da causa republicana.

Os factos assim o dizem.
Na impossibilidade de triumpho nas provincias do sul, tem o governo do sr. Ouro Preto *espalhado* no norte do imperio, além de *dinheiro*, grande porção de *farinha*—como elemento corruptor da consciencia do eleitorado, por isso que é o mais adequado ás necessidades da população.

Eugana-se, porém, o ministerio 7 de junho.

No norte do Brazil tambem ha nobreza de sentimentos e rigidez de character.

Fallamos em nome do 2º districto desta provincia, por cujo patriotismo e dignidade affirmamos a vergonhosa derrota do governo no proximo pleito eleitoral.

Arthur Macedo.

CAMINHAMOS

O acceleramento que se uota de dia para dia na marcha evolutiva da propaganda republicana cada vez mais convence-me de que não estarei longe a aurora do advento da republica, entre nós.

Não é sem fundamento que assim pensamos. Esta verdade será tambem justificada pelos acontecimentos.

Sim; quem como eu há testemunhado as grandes adhesões que ella vai conquistando, por parte d'aquelles que vizão exclusivamente o engrandecimento de nossa cara e estremecida patria; quem como eu reconhece na republica a unica taboa de salvação que nos pode tirar do perigo eminente da ruina moral que nos ameaça, não poderá deixar de assim pensar nem tão pouco de empregar o seu esforço em tão util e gloriosa tarefa.

Está claro e patente aos olhos de todos os brasileiros o esfacelamento que reina entre os dois partidos monarchicos.

Os elementos são correm todos para os arraiaes republicanos.

Não é menos claro e exacto que a não monarchica sente-se abalada e mal segura, prevenido o naufragio irremediavel!

E' a onda republicana que se avoluma, cresce e começa a bater de encontro as *peças movedicas* e carcomidas do velho chaveco.

Quando o ministerio 10 de março deixou o poder o throno diante do movimento que tanto o amedronta entendeu lançar mãos liberaes como instrumento apropriado para esinagar a *hidra republicana*!

Isto prova a falla de logica por parte de s. m. o imperador, cuja caducidade vemos comprovada. Desvaneca-se s. m. uma vez por todas que o Sr. vinconde de Ouro Preto é incapaz de abafar o movimento republicano no Brazil.

E' vergonhoso para o povo brasileiro sujeitar-se ao jugo de um despota manhoso, cujo cerebro acha-se em estado de incapacidade.

Nós que hontem empenhamo-nos fortemente pela realização da idéa emancipadora da escravidão devemos hoje com mais abnegação e denodo pugnar pela realização da idéa republicana que constitue a liberdade da nação.

Sinto de veras que o illustre tribuno dr. Silva Jardim não tivesse podido realizar sua viagem a esta provincia; sua presença, creio, que muito influiria no animo do eleitorado do Rio Grande do Norte, fazendo-o convencer por meio de sua palavra eloquente e autorizada a necessidade que temos de repellar a monarchia de nossa patria substituindo-a pela republica que é o governo em que a soberania é exercida pelo povo.

Devemos proseguir em nosso espinhoso caminho afim de alcançarmos o futuro brilhante que nos espera: A phalange engrossa cada dia—a victoria é infallivel.

Assu, 24 de Agosto de 1889.

S. J. Soares.

MONARCHIA E REPUBLICA
(VICTOR HUGO)

Sob o regimen monarchico, a insurreição é um passo para a frente; na republica, é um passo para a retaguarda.

A insurreição é um direito com a condição de ter diante de si a verdadeira revolta, que é a monarchia. Um povo defende-se contra um homem: é justo.

Um rei é uma sobre-carga; tudo d'um lado; do outro, nada; fazer contrapeso a um homem excessivo é necessario; a insurreição não é mais do que um restabelecimento de equilibrio.

A colera é de direito nas cousas equitativas; destruir a Bastilha é uma acção violenta e santa.

A usurpação chama a resistencia; a Republica, isto é, a soberania do homem sobre si mesmo, sendo principio social absoluto, toda a monarchia é uma usurpação; embora fosse legalmente proclamada; porque ha casos em que a lei é traidora ao direito. Essas rebeliões da lei devem ser reprimidas, e só o podem ser pela indignação do povo.

Royer Collard dizia: Si fizerem essa lei, juro desobedecer-lhe

A monarchia abre o direito a insurreição.

A Republica fecha-o. Na Republica, toda a insurreição é culpada.

E' a batalha dos cegos.

E' o assassinato do povo pelo povo.

Na monarchia, a insurreição é a legitima defeza: na Republica, a insurreição é o suicidio.

A REPUBLICA

vende-se em avulso a 100 rs. o numero, em casa do Sr. Manoel da Veiga, na cidade alta; e em casa dos Srs. Chagas Junior & C.^a no bairro da Ribeira.

A REPUBLICA

ORGAN DO PARTIDO REPUBLICANO

ASSIGNATURAS
Para dentro da provincia por
anno—5:000rs. Para fóra 6s.

Redactor-chefe—Dr. Pedro Velho

Toda a correspondencia deve
ser dirigida á rua do Viscon-
de de Uruguay n. 6

Natal—Quarta-feira, 11 de Setembro de 1889

Não tendo nós poupado esforços e sacrificios para o apparecimento regular da REPUBLICA, pedimos aos nossos assignantes, que ainda não satisfizeram as suas assignaturas, se dignem fazel-o, ou directamente no escriptorio da redacção, ou por intermedio dos nossos agentes.

A REPUBLICA

Natal, 11 de Setembro de 1889

Domingo 8 do corrente teve lugar na florescente e importante cidade do Ceará-mirim uma grande reunião, convocada pelos 14 eleitores republicanos que na eleição geral de 31 de agosto levaram ás urnas, com os seus votos, a expressão franca e decidida de sua vontade de cidadãos.

Da capital seguirão no sabbado á noite o Dr. Pedro Velho, o Capm. João Avelino e o Capm. Manoel Onofre Pinheiro—presidente, secretario e thesoureiro do directorio republicano da provincia—que com outros correligionarios vão assistir á reunião.

Pernotarão todos no engenho do nosso prestimoso amigo, o cidadão Felismino Dantas, onde a mais correcta e delicada hospitalidade, tanto por parte daquelle cavalheiro como de sua virtuosa consorte, deixou captivos de justa gratidão os itinerantes.

Pela manhã vierão juntar-se a estes diversos correligionarios da cidade e seus arredores, servindo-se ás 10 horas um profuso almoço, onde na mais perfeita cordialidade se expandião todos, saudando os grandes nomes que ornamentão o partido republicano brasileiro.

D'ahi seguirão incorporados para o Ceará-mirim, onde entrarão ao meio dia (erão uns 20 cavalheiros) ao estalar festivo de numerosas girandolas de foguetes, e acolhidos pelo generoso povo da cidade com a deferencia mais pertita e digna.

A uma hora e meia da tarde o edificio do theatro onde teve lugar a sessão estava cheio a transbordar do auditorio mais selecto, notando-se até influentes chefes de ambos os partidos monarchicos entre os assistentes.

N'uma meza collocada do palco tomarão assento os Drs. Pedro Velho e Olyntho Meira e o Coronel José de Borja. Então no meio do mais respeitoso silencio tomou a palavra o Dr. Olyntho e proferio um longo eloquente e energico discurso, onde a par de uma argumentação vigorosa e convincente scintillavão rasgos oratorios do mais aprimorado gosto, sendo a bellissima conferencia doutrinaría do nosso illustrado correligionario frequentemente interrompida pelos mais inequivocos signaes de approvação.

Ao terminar o discurso levantarão-se entusiasticos vivas á republica, e ao som da marselhesa ouvida de pé por todos os assistentes, os republicanos abraçavão-se, tão certos da victoria da nossa causa, que, esquecidos das misérias do presente, antevisão sorridente e gloriosa a imagem querida da patria regenerada e livre.

Serenada a effusão de tão justo enthusiasmo

occupou a tribuna o Dr. Pedro Velho. O seu discurso foi vibrante e cheio de ardor patriótico.

Relembrou a luta encarnizada que movem aos republicanos os representantes de um ministerio que deve-se considerar não o governo o partido liberal mas os empregados do 3º reinado, e saudou os nossos amigos do Ceará-mirim, aquelle forte reducto democrata onde nem o soborno nem as ameaças poderam nem poderão jamais penetrar, deixando no animo dos ouvintes a melhor impressão, e sendo coroadas de applausos as suas phrases verdadeiras e sinceras.

A orchestra fez ouvir de novo a canção immortal dos marselheses e no meio de colorosos vivas á republica, a Quintino Bocayuva, a Silva Jardim, ao Dr. Pedro Velho, ao Dr. Olyntho, ao nobre e generoso povo do Ceará-mirim, terminou a inolvidavel reunião democrata de 8 de Setembro, sendo os oradores felicitados até por cidadãos pertencentes aos partidos monarchicos.

Cidade livre, terra generosa do trabalho, os republicanos te saudão porque acabas de provar que no teu solo uberrimo não podem medrar nem a semente infame da guarda assassina, nem o dispotismo feroz dos editaes mordaca.

O exemplo de louvavel tolerancia que a população independente do Ceará-mirim acaba de dar, para honra sua e gloria da provincia, é a mais significativa prova de que aquella gente não quer que os considerem escravos submissos ao poder.

Nos seguintes domingos proseguem as conferencias; as adhesões começam a ser numerosas, e tudo leva a crer que a propaganda encontrará echo e apoio no coração do povo.

Brevemente será installado com toda solemnidade o centro republicano do grande valle.

A patria revive! Não se estrangula facilmente na consciencia de um povo a mais fecunda de suas aspirações.

É falso!

Uff que este caso do commando da policia já está cacete! e agora que o directo interessado entrou na dança, haja-se com elle o collega do «Correio». Temos mais que fazer, e não lhe dariamos resposta se não fosse o dever de honra que nos manda levantar um alveio tão falso quanto injurioso, atirado a amigos nossos.

Desde o principio que o carro pegou neste tóco: —estranharmos que se demitisse acintosamente um homem de bem, só por não ser subserviente, e apontarmos a guerra intestina que lavra nas fileiras do partido liberal nesta provincia, cousa que tem dado assumpto ás palestras e commentarios de todas as rodas politicas, promettendo ainda muitas surpresas. (E isto é neste obscuro recanto do mundo brasileiro; quando a soberania se reunir na Cadeia Velha é que havemos de ver a fraternal amizade que entre si cultiva a familia liberal).

Foi esse o nosso thema. Sobre elle tem dedilhado o collega interminaveis variações, até o seu ultimo artigo, ao mesmo tempo injusto e divertido. Tem cousas pandegas, e tem cousas perfidas.

Chama-nos zombeteiros de má fé. Engana-se que não conservemos um serio imperturbavel perante cousas de um comico irresistivel pode ser; quanto a lealdade e boa fé não precisamos de mestres. Não nos accuza a consciencia de jogar com armas traçoceiras.

Que o sr. Olegario tenha opinião diametralmente opposta á opinião nacional não entendemos muito bem. Elle diz aos quatro ventos que é liberal. Será por isso que a sua opinião é adversa ao socego publico? ou quer o collega dar-lhe agora passaporte para fora do seu partido, pelo facto de ter sido lle ajudar o homem do Sertão

naquella tremenda derrota que os sertanejos infligiram no candidato official? Parece que procuram alijar a cito para os arraiacs republicanos os rebeldes do sertão.

Fallasse o collega pela bocca de um anjo! Ah! se pegam as bichas! E não faziam nenhuma asneira os briosos eleitores do 2º districto.

Mas o peor é que os homens dizem que são tão bons como tão bons, e fazem ouvidos de mercador ás insinuações do articulista.

Disseram que o Sr. Olegario fazia pronunciamientos, ameaçando corromper a tropa; que queria votar contra a contada do presidente,..... (desafôro!) contra as instituições juradas e contra o pacto fundamental (horor! estava tudo perdido); que «O Povo» tem as entranhas cheias de barretes phrygios... & &

Não tem duvida, os insurrectos do 2º districto são gente perigosa e suspeita.

Pois com franqueza o declaramos—se fossa cousa que dependesse do collega expulsal-os da familia por estarem aborrecidos com elles e os acharem incorregiveis, nós acceptariamos os altivos sertanejos de braços abertos.

Sempre que tiver occasião vá dando-lhe, com geito, um empurrãozinho para a republica, que lhe ficaremos obrigados.

Mande-os para cá que nos servem; são fortes e indomaveis.

Realmente nesta quadra eleitoral o 2º districto do Rio G. do Norte foi talvez o recanto do imperio onde a prepotencia do governo baqueiou mais redonda e vergonhosamente.

A independencia e o civismo onde quer que estejam são sempre respeitaveis; e destas columnas onde tantas vezes temos batido palmas á pena de Ruy Barbosa—aquella clava de Hercules que martella rijo no lombo dos ministros, deixando-lhes echymoses in apagamis—louvamos igualmente os honrados sertanejos que souberão resistir e bater o pé victoriosamente a quem os ameaçou e pretendeu aniquillar.

Boa gente! Quem nos dera muitos daquelles! Mas apezar das entranhas de puro republicanismo que lhe dá o articulista não se resolvem já, e suspiramos de balde... De balde não. Hão de vir; a phalange republicana no Rio G. do Norte ha de engrossar em breve tempo, á custa de toda gente livre e independente da provincia, e entre estes estão em grande numero os sertanejos de ambos os credos monarchicos.

Mas é tempo de tocar no unico ponto do artigo do Correio que, em consciencia merece resposta. O collega não mediu talvez as suas palavras, quando atirou a um grupo de moços dignos e honradissimos uma insinuação offensiva e insultuosa.

Diversos jovens de talento e de caracter, entre elles o nosso querido amigo Januário da Nobrega—esperancoso academico que já milita com vantagem no jornalismo e na tribuna—por si, espontanea e livremente, sem instigação de nenhuma especie, fundarão um club republicano no Principe. Alguns delles, poucos, são eleitores, e nunca transigirão com o seu voto. Ainda agora na fome de suffragios que houve no sertão os altivos mancebos conservarão-se no seu posto de honra.

Vem porem o collega e escreve: «Dizem que o dr. Miguel Castro fizera presente desse prelo (d'«O Povo») ao club republicano daquella localidade (Principe), e que esse club, influenciado pelo sr. tenente coronel José Bernardo de Medeiros, constituirá-se a primeira potencia da candidatura do dr. Miguel Castro». No bojo deste periodo ha mais falsidades do que republicanismo nas entranhas do periodico caicoense.

O que lucra o collega insultando o caracter de homens de bem, attribuindo-lhes o infame papel de instrumentos, quando elles tem no coração e no espirito, profundamente gravada

inapagavel a convicção republicana mais sincera e decidida?

Se embirrao com o dr. Castro, se querem *aniquillar* o coronel José Bernardo, sirvão-se de outros meios para molestal-os, sem apanhar no enxurro de seus odios os nossos dignos correligionarios do Principe.

O club republicano do Seridó nada tem com a redacção politica do *Poco*, que não é propriedade sua. Dispunha apenas de uma columna naquelle periodico, e esse peccado da imprensa seridoense, (ceder um cantinho da casa á propaganda democratica) quase todos os jornaes liberaes o commeterão, até o dia em que o sr. Ouro Preto concluiu o seu tenebroso pacto com o 3.º reinado, afim de exterminar *por meios brandos* o partido republicano. A «Provincia» de Pernambuco, que agora acha o conde d'Eu tão boa pessoa, tambem teve a sua columna republicana, onde o partido expendia com franqueza o seu juizo sobre a politica imperial.

Agora é que os liberaes—os *proximos*—não nos conhecem mais... Em compensação os conservadores estão abrandando... Tempora mutantur.

Era este o ponto grave do escripto a que nos referimos.

Devolve-mos o que nelle se contem de injusto e deprimente, garantindo ao articulista que erro o salto.

Nem tudo, porem, é para desesperar. Nos ultimos periodos escapou ao collega uma phrase que nos lizongea: é quando se refere, talvez inadvertidamente, ao tempo em que tenhamos de ser governo nós os republicanos. E' ainda uma hypothese, mas vinda de quem vem sempre penhora a gente.

Agradecemos.

P. S.—O orgão official diz n'outro artigo que o resultado da eleição do 2.º districto podia ser tão brilhante como o do 1.º, mas que o candidato opposicionista «especulou com a fome a a miseria», comprando os votos, que n'uma currencia limpa seriam do governo. Vaõ ver que não foi outra cousa. Apanharão o governo da provincia sem farinha, sem força, sem dinheiro e *furarão*—os perfidos.

Lavre lá o collega um tento. Poz o dedo precisamente na ferida!

O achado é sublimar; está tudo explicado, enão fallemos mais em casos tristes.

O partido republicano brasileiro e as eleições de 31 de agosto

O resultado do ultimo pleito deveter convencido a corôa e o seu governo de que existe no paiz uma forte opinião republicana, bastante vigorosa para resistir ás trapaças monarchicas na orgia eleitoral.

Os conservadores que ainda hontem fizeram, no poder, uma camara de tamanha maioria, que andava-se perguntando se alguem dava noticias dos seus adversarios liberaes, acham-se de tal modo abatidos que os seus candidatos apparecem *vari-nantes* em limitadissimas balotagens, constando apenas em 1.º escrutinio a eleição do dep. G. de Castro pelo Maranhão. (Os 2 do Ceará são de *raça cruzada*). Verdade, é que o governo preferiria vêr pela proa em vez daquella sobrinha andorinha maranhense, uma duzia de papagaios opposicionistas, menos inquietadores do que o valente parlamentar. Mas o certo é que o Sr. Gomes de Castro é por ora o unico que

espirrou da prensa hydraulica do V. de Ouro Preto.

Restam para 2.º escrutinio alguns paulinistas da provincia do Rio, um pradista de S. Paulo e talvez algum candidato mineiro. O Sr. Paulino na humilhação da directa teve o triste consôlo de dar, um ultimo cheque no *grande chefe do norte*.

De facto o Sr. João Alfredo não sahio *coberto de glorias* da recente luta eleitoral. Não lhe deram licença para *aparecer*. Entretanto a republica de que o *myssias* tanto desdenhava fez mais do que S. Exc. Apesar do desesperado affan com que o governo atirou-se ao partido republicano, que o ministerio promttera varrer da face da terra, ajuda assim vão correr os azares do 2.º escrutinio mais republicanos do que era de suppor, em vista da *liberdade e garantias* que se concederam por toda parte ao eleitorado. Nesta segunda batalha nem se pôte imaginar o que o desbragamento ministerial é capaz de commetter. E ainda quando as urnas não se manifestem inteiramente a sabor dos homens do poder, resta a alta execução do 3.º escrutinio, onde os *amigos* darão passaporte de *phosphoro* a todo aquelle que o ministerio achar suspeito.

Silva Jardim, o grande e denodado tribuno da republica, entra em balotagem com um liberal pelo 8.º districto de Minas. Se aquelle indomito batalhador entrar no Parlamento, podemos orgulhar-nos de que a patria tem um defensor; e por mais elevados que sejam os figurões do poder, a coragem, a intelligencia do benemerito patriota saberão arrancar-lhes as mascaras. Minas elegendo-o pode dizer que mandou ao parlamento um deputado que vale por 10.

ADHESÕES

Acaba de declarar-se republicano, o illustrado Dr. Olyntho Meira.

O Dr. Meira, que já administrou esta provincia com criterio e dignidade ainda não esquecidos, filiando-se hoje ao partido republicano vem prestar-nos o seu valioso concurso de illustração, talento e caracter, e o modo brilhante e denodado como principiou a exhibir aos seus conterraneos do grande e rico vale do Ceará-mirim as gangrenas do governo monarchico e o futuro da patria regenerado pela republica, attestam a energia e os notaveis merecimentos do novo e forte lutador.

Temos mais a registrar as seguintes adhesões:

Accurcio Furtado de M. Menezes.
Manoel Medeiros de Souza Costa
João Felino da Costa
Manoel Francisco de M. Chagas

Bibiano Xavier Bizerra
Mathias Marinho de Carvalho
João Varella Borges
João Varella Borges
Alfredo Dias de Campos
Luciano Varejão.

A idéa caminha.

As nossas fileiras engrossam; a monarchia perde terreno todos os dias, a victoria vem proxima.

Muito bem

O Sr. Patricio de Azambuja, importante chefe liberal de Uruguayana, fez a sua adhesão ao partido republicano, assignando um manifesto, do qual a «Patria» de Pelotas, da-nos os seguintes topicos.

«Popular em sua origem, o partido liberal, rompendo com suas tradições, tornou se palaciano.

E, como se para convencer a nação dessa triste realidade, não bastasse a sua esterilidade nos ultimos tempos da administração e governo, impoz-lhe a monarchia a mais ignominiosa de todas as humilhações; e, aquillo que os conservadores repelliram com brio, acceitaram os liberaes com gaudio—a in-aumbencia de organizar um ministerio aulico, de amortallar essa grande nação e entregal-a cadaver, nas mãos avidas de um aventureiro.

Titulos regeltados

Do «Diario de Noticias», da Corte:

«Em additamento ao telegramma que hontem publicamos sobre recusas de titulos de barão, offerecidos pelo governo com fins eleitoraes, podemos hoje accrescentar que uma dessas recusas foi feita pelo sr. coronel Souza Rabello, deputado provincial e influencia importante do 16.º districto de Minas, por onde pretende ser eleito o sr. Bernardo Pinto Monteiro, redactor do «Liberal Mineiro».

Republica Irlandeza

Em um *meeting* de irlandezes, effectuado em Chicago, ficou assentado que se compraria um territorio na America do Sul, afim de ahi fundar uma republica, onde encontrarão abrigo e protecção os filhos da Irlanda, obrigados pela tyrania a abandonar a mãe-patria.

O CARANGUEJO

PROGRAMMA LIBERAL DE 1831

Monarchia Federativa.
Extinção do Poder Moderador.
Eleição biennial da Camara dos deputados.
Senado electivo e temporario.
Supressão do Conselho de Estado.
Assemblas Legislativas Provinciales, com duas Camaras.
Intendentes nos municipios, sendo nestes o mesmo que os Presidentes nas Provincias.

PROGRAMMA LIBERAL-RADICAL DE 1868

Descentralisação ;
 Ensino Livre ;
 Política Electiva ;
 Abolição da Guarda Nacional ;
 Senado temporario e electivo ;
 Extincção do poder moderador ;
 Separação da judicatura da policia ;
 Suffragio directo e generalisado ;
 Substituição de trabalho servil pelo trabalho livre ;
 Presidentes de provincia eleitos pela mesma ;
 Suspensão e responsabilidade dos magistrados pelos tribunaes superiores e poder legislativo ;
 Magistratura independente, incompativel, e a escolha de seos membros fóra da acção do governo. Prohibição dos representantes da nação de aceitarem nomeação para empregos publicos e igualmente titulos e condecorações.

Em 1869 o CORREIO NACIONAL, organo do partido liberal, debaixo da redacção de cidadãos competentes, propugnava pelas seguintes reformas :

Abolindo :
 O poder moderador ;
 A guarda nacional ;
 O conselho de estado ;
 O elemento servil.

Estatuindo :
 Ensino livre ;
 Policia electiva ;
 Liberdade de associação e de cultos ;
 Suffragio directo e generalisado ;
 Separação da judicatura da policia ;
 Senado temporario e electivo ;
 Derogação de toda a jurisdicção administrativa ;
 Electividade dos presidentes de provincia ;
 Responsabilidade civil dos ministros e mais agentes da administração, e etc., etc.

PROGRAMMA LIBERAL DE 1889

Alargamento do voto ;
 Reforma da administração provincial ; sendo o presidente escolhido pelo Imperador em lista triplice ;
 Direito de reunião ; (já é garantido pela constituição. Escusado era figurar aqui.)
 (Como é costume dos liberaes fazerem o inverso do que promettem, ja esta parte do programma foi desmentida pela celebre circular e pelo celeberrimo edital Basson.)
 Casamento civil obrigatorio ;
 Plena liberdade de cultos ;
 Senado temporario ;
 Reforma do conselho de estado para que seja somente auxiliar da administração e não politico ;
 Liberdade e melhoramento do ensino.

Como vêdes, leitores, elles têm andado para traz como caranguejos.

Que reformas fizeram elles até agora ?
 Apenas do suffragio directo (isto porque os conservadores quizeram,) porém não generalisado.

O que prova isto ?
 Que a monarchia não consente estas reformas, e que tem sabido corrompel-os.
 Esta provado e estamos convencidos de que só com a Republica Federativa é que teremos essas reformas e mais algumas, como seja a separação da Igreja do Estado, a grande naturalisação, etc. etc.

EXTR.

Felicio dos Santos

(A INTRIGA MONARCHICA DESTRUIDA)

«Tem tido curso nesta provincia a miseravel intriga consistente em fazer

crer que o Dr. Felicio dos Santos, REPUBLICANO que faz parte da actual chapa senatorial de Minas, não é republicano puro ; mas sim um liberal adiantado.

Chegou-se a noticiar, n'uma das folhas liberaes desta cidade, que o proprio candidato republicano era o primeiro a fazer praça da sua apostasia.

Pois bem. A calumnia está rebatida ; a intriga está desfeita. (DO NORTE)

Leia-se o seguinte que extrahimos do *Diario Popular* de S. Paulo.

Tendo-se propalado que o illustre jurisconsulto Joaquim Felicio dos Santos declarara nunca ter sido republicano, mas liberal adiantado, o cidadão Lafayette de Toledo, nosso collaborador, residente em Casa Branca, dirigio-lhe a respeito uma carta.

«Acaba elle de receber agora a seguinte resposta :

«Illm. Sr. Lafayette de Toledo—Diamantina, 8 de Agosto de 1889.—Accuso o recebimento de sua carta datada de 28 do proximo passado, em que pergunta-me V. se sou republicano ou se liberal adiantado, como dizem algumas correspondencias da imprensa de S. Paulo.

«Respondo que muito estranho essas correspondencias, e nem sei qual sua origem e fins, porque sempre fui republicano e não a datar de 13 de Maio de 1888.

«Se não fosse republicano não acceptaria a candidatura que offereceu-me o partido, o que seria uma especulação indecente.

«Quer me creiam, quer não, será para mim um grande sacrificio se for escolhido senador.

«Tenho vivido sempre desconhecido, e não ha vida mais agradável.

«As pessoas que me conhecem dirão se digo a verdade.

«Aqui me tem sempre ás suas ordens por ser—Amigo, patricio e obrigado—*Joaquim Felicio dos Santos.*»

Sr. Redactor — Offereço como digna de sahir à luz na sua conceituada folha a poesia junta. E' producção de um homem de 80 annos que está quasi surdo e vê mal. Não teve cultura o seu espirito, além da que se podia obter em uma escola de instrucção primaria no tempo de sua infancia. Este homem de um talento admiravel, que se perdeu, á falta de cultura, de uma memoria que espanta, e fervoroso apostolo da liberdade é o velho Bento José Taveira, morador na povoação da Capella deste termo do Ceara-mirim,

2 de Setembro de 1889.

A.

MANDAMENTOS

O Conde d'Eu é francez.
 De Luiz Felipe é parente
 Recorde de sua gente
 Luiz quinze e dezeseis
 Evite, pois, sua vez
 E não provoque a nação
 Pela louca pretensão
 De uma mulher orgulhosa
 Soberba e ambiciosa
 Que quer nossa escravidão.

Prohibe a constituição
 Estrangeiro governar
 De qualquer forma mandar
 A brasileira nação.
 Em these, é opinião
 Ser governada a mulher,
 Obrar o que o homem quer,
 Por lei da necessidade
 Subordinar a vontade
 Fazer o que elle disser.

Não é crível que o Brazil
 Aceite tal monarchia,
 Que desgraca nos traria
 O governo femineil,
 Será o paiz incivil
 Offuscando o brilho seu
 Obscurando um eroupeu
 Cobrir-se com o seu docel ;
 O governo de Izabel
 De facto é do Conde d'Eu.

O Conde alem de estrangeiro
 Não merece sympathia,
 Sua desgraca seria
 Ir ao throno brasileiro ;
 Será talvez o terceiro
 Dessa familia real
 Que do throno ao tribunal
 De rei em réo se trocasse
 A crôa e o sceptro deixasse
 Com a vida temporal.

Não se quer mais monarchia
 Vamos ser republicanos,
 Evitar males e damnos,
 Dessa infame oligarchia
 O paiz feliz seria
 Qualquer conflicto evitar
 E qualque não derramar
 Pela sua liberdade,
 Findar a hereditariedade
 Republica, pois, acclamar.

A vossa legislação
 Foi quem o veu levantou
 Nossos escravos forrou
 Sem haver compensação ;
 Estimulou a nação,
 Querem tambem liberdade
 Findar hereditariedade,
 Não aceitar monarchia
 Terminar a dymnastia
 E' uma necessidade.

Não se quer mais rei divino
 Muito peor estrangeiro ;
 Seja Pedro o derradeiro,
 Melhore nosso destino.
 Da França temos o ensino
 E o Conde tambem o tem
 Pois a noticia lhe vem
 Que o paiz prosperou
 Depois que o rei despediu
 Prosperaremos tambem

A lei constitucional
 Conservando a dymnastia
 Grande fortuna seria
 Findar o monstro infernal.
 Pois o seu poder é tal,
 Que funde os quatro do Estado
 Em um só duro e malvado.
 Que se diz moderador
 Em vez de rei é senhor
 Deste paiz desgraçado.

Tudo no mundo tem fim
 Pois que o principio tem,
 O fim do principio vem
 Seja bom ou seja ruim,
 Se o Brazil pensasse assim
 Desde a abdicacão
 Findaria a maldicão
 Desse systema horroroso
 Audaz e ambicioso
 Que prostitue a nação

Senhor Conde a historia é vasta
 Mais não quero proseguir
 Cuida bem de seu porvir,
 Para quem entende basta ;
 Não ouça a homens de pasta
 Que são vis aduladores
 Ambiciosos trahidores,
 Só lhes convém é lucrar.
 Ao povo deve escutar,
 Temer os seus dissabôres.

SILVIO ROMERO

De um excellento artigo publicado
 n' *O Paiz* por esse notavel escriptor, critico e philosepho, uma das glorias do partido republicano brasileiro extrahimos as considerações seguintes, sentidas do não dispôr de espaço bastante para transcrever na integra o criterioso estudo historico-social que produziu o talentoso e erudito professor.

Vamos dividir este extracto em duas partes.

—A monarchia não é legitima nem natural no Brazil ;

—A republica federativa é o governo que melhor nos convém.

Não ha na historia espectáculo mais comico do que o serio estolido que mostraram hontem, ou mostram hoje, os monarchistas brasileiros na defesa de seu systema, como se este fosse uma obra d'elles, ou se quer dos seus antepassados!

Que se defenda *unquibus et rostris* aquillo que custosamente se edificou, aquellas construcções da historia que mostram impressas nas faces os signaes da força, do trabalho, do heroismo de gerações inteiras que morreram para lhes dar vida, é digno e é meritorio. Que se defenda uma instituição que nasceu de um *mal entendu*, de um *calembur* da historia, filha do medo, da protervia e do acaso, é a maior das singularidades do tempo presente. A monarchia brasileira não é um producto original de nosso sólo, de nosso labor, de nossas lutas, das forças agentes de nossas tradições; é apenas a resultante da relaxação dos nervos de João VI, da pusillanidade de seu animo, da fraqueza de seus sentimentos.

Tivera sido elle um *homem* em vez de um *poltrão* coroado, e teria ficado em sua patria, teria feito frente a seus inimigos, e a independencia do Brazil não se teria complicado com o trambolho de uma corte de fugitivos, que deixou malignos rebentos neste sólo. Ah! fuga maldita—já tens feito correr e ainda farás jorrar talvez o sangue brasileiro!

É admiravel que a covardia de um principe seja por oitenta annos o embarço á constituição e ao progresso de um povo.

Como quer que seja pesada esta vergonha, ella não tem bases serias em nossos corações, nem no amago de nossa historia. O povo brasileiro não desmente a lei geral da democratisação das nações occidentaes da Europa e da America. A população colonial foi constituída de individuos do terceiro estado, a que se alliarão escravos indios e negros; a realeza ficava longe e os raros representantes da classe nobre, já de si bastante decadente, desfructavam empregos e sinecuras, accumulavam riquezas e iam des-
 tructuras do reino.

Não deixavam raizes no paiz, a não ser, ás vezes, alguns *bastardos* que tinham das mulatas e caboculas. Logo no segundo e no terceiro seculos da colonia a guerra contra os *hollandezes*, os movimentos dos *Mascates*, dos *Emboabas*, de *Beckman*, da *inconfidencia*, mostraram bem claramente a pujança democratica da população.

Em nosso seculo, a propria independencia antiquillando os restos da nobreza portuguez; as revoluções do tempo da regencia, abatendo os caudilhos das provincias; a guerra de Rosas e do Paraguay, pondo em contacto brasileiros de todas as zonas e levando os filhos do paiz a verem com os proprios olhos o progresso das republicas vizinhas; a inoculação de immigrants sahidos do proletariado europeu e espalhados pelas provincias do sul e em geral por todas as cidades do littoral; o commercio constante com os Estados Unidos, especialmente na região amazonica; a assimilação perenne da litteratura revolucionara estrangeira; a instrução mais espalhada, levando os jornaes por toda parte; tudo isto, e outros tantos factos que deixamos de uotar, são fontes da evolução e progresso democraticos.

Existem, porém, razões ainda mais profundas, impulsos mais poderosos. Estes são a propria constituição ethnographica de nosso povo, especialmente apreciado sob o ponto de vista economico da escravidão e do predomínio politico e social. É uma historia de hontem conhecida nas suas linhas capitaes. Representemos os factos como elles se deram. Algumas centenas de plebeus portuguezes foram se collocando em pontos diversos da costa e constituindo as feitorias, que tinham de ser os nucleos de onde haviam de sair os povoadores de nossas actuaes provincias. Lançavam mão dos indios que podiam sujeitar, e os reduziam a escravidão!

Oppondo estes resistencia muitas vezes, recorreram os colonos a africanos, que foram tambem reduzidos á escravidão.

D'ahi sahio a gente brasileira. Não pôde haver origem mais humilde; a democracia aqui rompe dos berços. Mais tarde os captivos de raça indigena foram emancipados e incorporados á população civil; mais tarde ainda os escravos de raça africana foram emancipados e incorporados tambem á população civil. Ora, a entrada do proletariado agricola e industrial na vida geral da nação, é justamente o que se chama o reinado da democracia, e á nossa, falta somente por enquanto a consciencia nitida de sua força.

No Brazil, onde a monarchia não brotou dos factos historicos, como a coroação de uma obra secular, como o ultimo termo de uma evolução politica simentada pelo labutar dos tempos, a democracia deve sem lutas e sem abalos tomar a forma politica que lhe é peculiar—a republica. E como ha de ser organizada esta republica? Eis a questão prévia que deve ficar solvida em todos os espiritos, antes que os estilhaços do throno acabem de voar pelos ares.

O auctor apresenta as tres soluções principaes que a sciencia politica tem dado á questão :

—A Republica unitaria e parlamentarista pelo actual modelo francez ;

—A Republica federal ao modo norte-americano ou argentino, extra-parlamentarista ;

—A Republica unitaria *dictatorial* positivista, ideada por Comte.

Analizando-as todas dá preferencia á segunda forma, federal, extra-parlamentarista.

II

A organização republicana federal sem *parlamentarismo*, e o que convém ao Brazil. Vejame bem, sem *parlamentarismo*. Dissimos nós, e não sem parlamento.

É precisa muita cegueira para esconder que as assembleas deliberativas, sob quaesquer formas no curso da historia, tem sido quasi sempre o paladio das liberdades publicas. Nos cascos da idade-media e nos tempos modernos é esta uma verdade que avulta e impõe-se diante de todos. Só conveniencias retrogradas e absolutistas o poderão esconder.

O governo representativo é e será ainda por muito tempo, até que a sociedade possa directamente agir todos os seus negocios, o governo dos povos modernos.

O proprio parlamentarismo, isto é, aquelle mesmo governo cujos agentes directores e proeminentes do executivo devem ser tirados do seio da assemblea representativa, devem ser della apenas uma comissão, ficando constantemente debaixo de sua fiscalisação, e não podendo administrar sem o apoio de sua maioria, até este proprio governo, dizemos, funciona admiravelmente entre povos preparados para elle, como a Inglaterra, a Belgica, a Hollanda, a Italia; todos os povos emitta onde germanicos ou latinos puros tem a preponderancia. Naufragam nelle as nações turbulentas ou fracas, alheias ao senso politico, onde predominam celtas e iberos, indebitamente decorados com o titulo de latinos, como é o caso da França, da Hespanha, de Portugal e do Brazil.

E, mesmo entre estes povos, que seria das liberdades nacionaes se as assembleas não existissem para contrastar o despotismo regio de que elles são particularmente victimas?

Qual teria sido a marcha de nossa historia em particular, a que ponto haveriamos chegado, com o poder absoluto, oriundo da carta, nas mãos de um principe astucioso e sem genialidade, como o actual, no longo reinado de cinquenta annos, se não fora a sombra do parlamentarismo que nos resta, sombra embora, mas bastante forte para levantar-se por cima das mauhas regias e assoberbal-as? Respondam os espiritos sensatos e conhecedores do assumpto.

Nos governos monarchicos representativos, como o nosso, preferimos a forma parlamentar como barreira a perpetuidade e á força do poder principesco. Nas republicas federaes, cujo presidente é meramente temporario, e despositario de um poder, limitado em especial pelo Senado e pelo Supremo Tribunal Judicial, a ingerencia permanente do parlamento dificultaria em excesso a marcha dos negocios.

O parlamento faz as leis, vota os impostos, os orçamentos, pode iniciar planos de reforma, elege, em nosso pensar, o chefe do Estado, pode indical-o em processo ante o supramo tribunal, eia nas suas principaes attribuições.

O presidente exercerá suas funções por seis annos e não poderá ser reeleito senão depois de passados outros seis annos—Uma segunda reeleição será prohibida em absoluto.

Os ministros os secretarios de Estado serão da confiança do presidente e deverão ser alheios ao parlamento, como acontece na Republica Argentina, em cuja constituição de 1850 se lê, no art. 91 :

«Não podem ser senadores nem deputados, excepto se derem sua demissão das funções de ministros.»

Nesta sabia constituição e na dos Estados-Unidos encontram-se excellentes ideias sobre as attribuições do chefe do Estado, da camara dos deputados e do senado temporario, dos diversos poderes da nação que a constituinte brasileira, quando organizar a republica federal entre nós, deve convenientemente adaptar a este meio.

Por esses modelos democraticos é que desejamos a nossa organização republicana.

A REPUBLICA

vende-se em avulso a 100 rs.
 o numero, em casa do Sr. Manoel da Veiga, na cidade alta;
 e em casa dos Srs. Chagas Junior & C. no bairro da Ribeira.

Por motivos de força maior deixou a Republica de sair na 2. feira, com o de costume. Pedimos disso desculpa aos nossos assignantes

A REPUBLICA

ORGAM DO PARTIDO REPUBLICANO

Redactor-chefe—Dr. Pedro Velho

ASSIGNATURAS
Para dentro da provincia por
anno—5:000rs. Para fóra 600.

Toda a correspondencia deve
ser dirigida á rua do Viscon-
de de Uruguay n. 6

NATAL — Segunda-feira 16 de Setembro de 1889

Não tendo nós poupado esforços e sacrificios para o apparecimento regular da REPUBLICA, pedimos aos nossos assignantes, que ainda não satisfizeram as suas assignaturas, se dignem fazel-o, ou directamente no escriptorio da redacção, ou por intermedio dos nossos agentes.

São agentes d'A Republica com autorisação para agenciar e cobrar assignaturas, receber qualquer comunicação que interesse ao partido republicano e attender ás reclamações que appareçam por parte dos nossos correligionarios e assignantes, os seguintes cidadãos:

1.º DISTRICTO

Ceará-mirim—Felismino Dantas
Touros—Juvencio Tassilo.
Macahyba—Francisco Muniz.
S. José—Manoel Feliciano de Souza.
Arez—João Pegado Filho.
Goianinha—Luiz Candido.
Canguaretama—Olympio Tavares.
Nova Cruz—Francisco A. Correia.
Santa Cruz—Theophilo Osvaldo.
Macáu—Joaquim Virgolino de Souza.

2.º DISTRICTO

Angicos—José Rufino C. Pinheiro.
Assú—Arthur Napoleão S. de Macedo.
Príncipe—Presidente do C. Republicano
Imperatriz—Manoel de Souza Pereira.
Mossoró—Manoel Virgolino Cezar.
Apody—Capm. João Nogueira de Lucena.

A REPUBLICA

vende-se em avulso a 100 rs. o numero, em casa do Sr. Manoel da Veiga, na cidade alta; e em casa dos Srs. Chagas Junior & C.º no bairro da Ribeira.

A REPUBLICA

Os Presidentes

Não há missão mais importante e cheia de graves responsabilidades; não há magistratura mais difficil e que exija maior somma de aptidões, do que uma presidencia de provincia. Entretanto todos conhecem e clamão (no deserto) contra a leviandade, falta de criterio e erminosa condescendencia com que se consignão ás provincias administradores, que não conhecem a terra nem procurão conhecê-la.

Muitas vezes a presidencia não passa de uma aprendizagem, uma sine-cura, uma simples viagem de recreio, ou um ósso para o amigo ir roendo, enquanto se arranja cousa melhor; nas spechas eleitoraes são encomendas a proposito: pode levar o diabo tudo, voem pelos ares as normas administrativas; o que se quer é a eleição segura; os meios não fallão.

Em regra não se escolhem os mais dignos; é um filhote qualquer que o compadresco politico não pode encartar de outro modo no comedouro do orçamento.

Entre o chefe influente e o ministro conclue-se o arranjo do seguinte modo:

—Cons., que se há de fazer de fulano; penso que aquelle meo sobrinho não dá pr'a nada.

—Homem, o geito é fazel-o presidente do Piahy. E lavra-se o decreto.

Quando não dão na mania de querer tomar a serio a sua missão, sem entender do riscado, (o que é uma calamidade para a terra) chegam passivos e nullos, perguntando pelo manda-chuva da politica dominante.

Apresentão-lhe o coronel fulano, o commendador sicrano ou o barão beltrano, grande influencia, sujeito apatacado ou finorio.

—Ora diga-me lá o amigo o que se há de fazer para bem dos povos?

—V. Ex. melhor do que eu saberá com *tino e prudencia* felicitar esta provincia; mas na minha humilde opinião, como medidas de urgencia, para salvar a moral e os cofres, deve ser logo demittido fulano que não é correligionario, devendo ser por tanto muitissimo ladrão e burro e nomeado meo cunhado sicrano, que alem de outros serviços já empatacou duas eleições.

—Está servido. Só isso?

—O major beltrano tambem deseja, e é de justiça que lhe concedão, uma torre na matriz de sua villa, com administração do genro, e um acude n'umas terras secas que tem para as bandas do Jacaré.

—Pois não!

Presidente assim, manso e cordato, é logo chrysmado pelos amigos de criterio, probo e ilustrado. Os adversarios achão-no em regra uma cavalgada e um patoteiro.

O povo que não entende dessas cousas não sabe o que pense, e resume o seu juizo deste modo; é tudo uma corja—politica só para quem não tem vergonha.

Eis as 2 especies mais conhecidas: Presidentes de carregação, ou presidentes de encomenda! Para aqui tem vindo cada um... pr'a desmamar!

Pois não haverá neste paiz de 12 milhões de habitantes 20 sogeitos idoneos e capazes de administrar as provincias?

O Sr. Fausto Barreto, (concedamos-lhe as virtudes todas, e os mais altos meritos de espirito, sem lhe restringir os talentos aos deminios meramente grammaticaes, como fazem outros); o Sr. Fausto Barreto (outro parentese: conhecemos-lhe um merito incontestavel, se é que o caminho que tem trilhado foi sempre o do trabalho, e não do filiotismo); S. Exc. de pouca que era, chegou a presidente de provincia e de-

putado); enfim, o Sr. Fausto Barreto oque veio fazer ao Rio Grande do Norte? As eleições, tendo de quebra a vantagem de assistir de perto as manobras do general Henrique d'Avila no Ceará.

S. Exc. está eleito, e quasi que ja deo conta do seo recado na provincia. A massada do 2.º districto talvez até o esteja aborrecendo. Dirá consigo: —Que quer mais *aquelle homem*? Não pode com a vida dos matutos, o outro diz que só é dissidente aqui... Antes não tivesse embarcado naquella vaidosa aventura...

Mas está eleito, e vae-se brevemente, sahindo desta boecia, enjoado e sem deixar saudades.

O que fez?

Os soccorros! Pobres soccorros; não deixão os grandes vestigios de utilidade publica. Sommem no fim as despesas feitas e os melhoramentos realizados, e digão-nos com franqueza se não nos poderião ter sido dez vezes mais proveitosos as quantias despendidas.

A instrucção! S. Ex. é professor, e de muito boa nota; mas ha de passar por aqui deixando na instrucção o rasto *luminoso* de remoções e demissões partidarias e injustas, ficando a couza como d'antes, ou peor. Não teve tempo... Mesmo que o tivesse, talvez as conveniencias lho não permitissem realizar beneficio algum. O professorado da provincia pode não prestar, mas tambem leva vida de cão. Até as pobres professoras apanha-as, para tritura-las em sua engrenagem maldicta, a politica baixa de ambos os partidos monarchicos.

Assim pois a administração foi exclusivamente eleitoral. Vai-se o presidente, sem conhecer a terra nem as suas necessidades. Nenhum laço o prendia a esta provincia, nenhum interesse agora o anima pelo nosso bemestar. Ha de embarcar com acompanhamento e abraços *saudosos*, dizendo no intimo *fyquem-se*, e tenjo em resposta um *suma-se* geral. E' historia conhecida.

S. Ex. talvez ainda tenha de ceder aos amigos em certos arranjos eleitoraes, para a segunda batalha que se vai travar no mostra, luta reñhida em que o governo local mostra um empenho desesperado, e que pode ter consequencias perigosas, pelo que se diz.

Mas, pode s. ex. desdescender com tudo, até as mais desarrazoadas exigencias, pode mandar para o sertão grandes destacamentos *garantidores* da liberdade do voto, e avultados soccorros para ás necessidades da *população indigente*, com tudo isso uma cousa lhe garantimos; ou entrega-se do corpo e alma, atado de pés e mãos, mesmo com repugnancia e violencia ao seu caracter e á sua probidade, ou, concedidos 99 favores, a recusa do centezimo bastará para que o achem desazado e imprestavel!

E' outra historia sabida!

Nas demais provincias é a mesma cousa. Para o Ceará veio o senador Avila. *Veni vidi vinci* pode repetir, como Cezar, o terrivel gaúcho.

Mas agora, depois que se apanha servido, parece que o governo estranha que elle tivesse gasto tanta farinha e tanto dinheiro com os eleitores... queremos dizer os retirantes, e ali volta o homem trombudo com o sr. L. de Albuquerque.

Eis o que são as presidencias de provincia.

A electividade pode remediar em parte ao menos esta desordem? Pode. Pode, mas sem o sophisma que lhe quer encherter o partido liberal.

O liberalismo do governo anda para trazer a quer a escolha feita pelo imperador, n'uma lista de tantos votados. Ora essa escolha só pode recahir sobre uma creatura do governo, ou sobre o *melhor* dos adversarios, quando a chapa da opposição triumphar completamente.

Sabe-se que a corda ouve os ministros, ou deixa-lhes mesmo a escolha dos senadores; com materia de riza ha de aliçadê-los a escolha

PROGRAMMA LIBERAL-RADICAL DE 1868

Descentralisação ;
 Ensino Livre ;
 Política Electiva ;
 Abolição da Guarda Nacional ;
 Senado temporario e electivo ;
 Extinção do poder moderador ;
 Separação da judicatura da policia ;
 Suffragio directo e generalisado ;
 Substituição de trabalho servil pelo trabalho livre ;

Presidentes de provincia eleitos p e l a mesma ;

Suspensão e responsabilidade dos magistrados pelos tribunaes superiores e poder legislativo ;

Magistratura independente, incompativel, e a escolha de seos membros fóra da acção do governo. Proibição dos representantes da nação de aceitarem nomeação para empregos publicos e igualmente titulos e condecorações.

Em 1869 o CORREIO NACIONAL, orgam do partido liberal, debaixo da redacção de cidadãos competentes, propugnava pelas seguintes reformas :

Abolindo :

O poder moderador ;
 A guarda nacional ;
 O conselho de estado ;
 O elemento servil.

Estatuindo :

Ensino livre ;
 Policia electiva ;
 Liberdade de associação e de cultos ;
 Suffragio directo e generalisado ;
 Separação da judicatura da policia ;
 Senado temporario e electivo ;
 Derogação de toda a jurisdicção administrativa ;

Electividade dos presidentes de provincia ;

Responsabilidade civil dos ministros e mais agentes da administração, e etc., etc.

PROGRAMMA LIBERAL DE 1889

Alargamento do voto ;

Reforma da administração provincial ; sendo o presidente escolhido pelo Imperador em lista triplíce ;

Direito de reunião ; (já é garantido pela constituição. Escusado era figurar aqui.)

(Como é costume dos liberaes fazerem o inverso do que promettem, ja esta parte do programma foi desmentida pela celebre circular e pelo celeberrimo edital Basson.)

Casamento civil obrigatorio ;

Plena liberdade de cultos ;

Senado temporario ;

Reforma do conselho de estado para que seja somente auxiliar da administração e não politico ;

Liberdade e melhoramento do ensino.

Como vêdes, leitores, elles têm andado para traz como caranguejos.

Que reformas fizeram elles até agora ?

Apenas do suffragio directo (isto porque os conservadores quizeram,) porém não generalisado.

O que prova isto ?

Que a monarchia não consente estas reformas, e que tem sabido corrompel-os.

Esta provado e estamos convencidos de que só com a Republica Federativa é que teremos essas reformas e mais algumas, como seja a separação da Igreja do Estado, a grande naturalisação, etc. etc.

Entr.

Felicio dos Santos

(A INTRIGA MONARCHICA DESTRUIDA)

Tem tido curso nesta provincia a miseravel intriga consistente em fazer

crer que o Dr. Felicio dos Santos, REPUBLICANO que faz parte da actual chapa senatorial de Minas, não é republicano puro ; mas sim um liberal adiantado.

Chegou-se a noticiar, n'uma das folhas liberaes desta cidade, que o proprio candidato republicano era o primeiro a fazer praça da sua apostasia.

Pois bem. A calumnia está rebatida ; a intriga está desfeita. (DO Norte)

Leia-se o seguinte que extrahimos do *Diario Popular* de S. Paulo.

Tendo-se propalado que o illustre jurisculto Joaquim Felicio dos Santos declarara nunca ter sido republicano, mas liberal adiantado, o cidadão Lafayette de Toledo, nosso collaborador, residente em Casa Branca, dirigio-lhe a respeito uma carta.

«Acaba elle de receber agora a seguinte resposta :

«Illm. Sr. Lafayette de Toledo—Diamantina, 8 de Agosto de 1889.—Accuso o recebimento de sua carta data de 28 do proximo passado, em que pergunta-me V. se sou republicano, ou se liberal adiantado, como dizem algumas correspondencias da imprensa de S. Paulo.

«Respondo que muito estranho essas correspondencias, e nem sei qual sua origem e fins, porque sempre fui republicano e não a datar de 13 de Maio de 1858.

«Se não fosse republicano não aceitaria a candidatura que offereceu-me o partido, o que seria uma especulação indecente.

«Quer me creiam, quer não, será para mim um grande sacrificio se for escolhido senador.

«Tenho vivido sempre desconhecido, e não ha vida mais agradável.

«As pessoas que me conhecem dirão se digo a verdade.

«Aqui me tem sempre ás suas ordens por ser—Amigo, patricio e obrigado —*Joaquim Felicio dos Santos.*»

Sr. Redactor — Offereço como digna de sahir à luz na sua conceituada folha a poesia junta. E' producção de um homem de 80 annos que está quasi surdo e vê mal. Não teve cultura o seu espirito, além da que se podia obter em uma escola de instrucção primaria no tempo de sua infancia. Este homem de um talento admiravel, que se perdeu, á falta de cultura, de uma memoria que espanta, e fervoroso apostolo da liberdade é o velho Bento José Taveira, morador na povoação da Capella deste termo do Ceara-mirim,

2 de Setembro de 1889.

A.

MANDAMENTOS

O Conde d'Eu é francez.
 De Luiz Felipe é parente
 Recorde de sua gente
 Luiz quinze e dezeseis
 Evite, pois, sua vez
 E não provoque a nação
 Pela louca pretensão
 De uma mulher orgulhosa
 Soberba e ambiciosa
 Que quer nossa escravidão.

Prohibe a constituição
 Estrangeiro governar
 De qualquer forma mandar
 A brasileira nação.
 Em these, é opinião
 Ser governada a mulher,
 Obrar o que o homem quer,
 Por lei da necessidade
 Subordinar a vontade
 Fazer o que elle disser.

Não é crível que o Brazil
 Aceite tal monarchia,
 Que desgraça nos traria
 O governo femiul,
 Será o paiz incivil
 Offuscando o brilho seu
 Consentir um europen
 Cobrir-se com o seu docal ;
 O governo de Izabel
 De facto é do Conde d'Eu.

O Conde alem de estrangeiro
 Não merece sympathia,
 Sua desgraça seria
 Ir ao throno brazileiro ;
 Será talvez o terceiro
 Dessa familia real
 Que do throno ao tribunal
 De rei em réo se trocasse
 A c'roa e o sceptro deixasse
 Com a vida temporal.

Não se quer mais monarchia
 Vamos ser republicanos,
 Evitar males e damnos
 Dessa infame oligarchia
 O paiz feliz seria
 Qualquer conflicto evitar
 E sangue não derramar
 Pela sua liberdade,
 Findar a hereditariedade
 Republica, pois, acclamar.

A vossa legislação
 Foi quem o veu levantou
 Nossos escravos ferrou
 Sem haver compensação ;
 Estimulou a nação,
 Querer tambem liberdade
 Findar hereditariedade,
 Não aceitar monarchia
 Terminar a dynastia
 E' uma necessidade.

Não se quer mais rei divino
 Muito peor estrangeiro ;
 Seja Pedro o derradeiro.
 Melhore nosso destino.
 Da França temos o ensino
 E o Conde tambem o tem
 Pois a noticia lhe vem
 Que o paiz prosperou
 Depois que o rei desprezou
 Prosperaremos tambem

A lei constitucional
 Conservando a dynastia
 Grande fortuna seria
 Findar o monstro infame.
 Pois o seu poder é tal,
 Que funde os quatro do Estado
 Em um só duro e malvado
 Que se diz moderador
 Em vez de rei e senhor
 Deste paiz desgraçado

Tudo no mundo tem fim
 Pois que o principio tem,
 O fim do principio vem
 Seja bom ou seja ruim,
 Se o Brazil pensasse assim
 Desde a abdicção
 Findaria a maldição
 Desse systema horroroso
 Audaz e ambicioso
 Que prostitue a nação

Senhor Conde a historia é vasta
 Mais não quero proseguir
 Cuida bem de seu porvir,
 Para quem entende basta ;
 Não ouça a homens de pasta
 Que são vis aduladores
 Ambiciosos trahidores,
 Só lhes convém é lucrar.
 Ao povo deve escutar,
 Temer os seus dissabôres.

SILVIO ROMERO

De um excellente artigo publicado
 n' *O Paiz* por esse notavel escriptor, crí-
 tico e philosepho, uma das glorias do
 partido republicano brasileiro extrahi-
 mos as considerações seguintes, sentin-
 do não dispôr de espaço bastante para
 transcrever na integra o criterioso es-
 tado historico-social que produziu o ta-
 lentoso e erudito professor.

Vamos dividir este extracto em duas
 partes.

—A monarchia não é legitima nem
 natural no Brazil ;

—A republica federativa é o gover-
 no que melhor nos convém.

Não ha na historia espectáculo mais comico
 do que o serlo estolido que mostraram hontem,
 ou mostram hoje, os monarchistas brasileiros na
 defesa de seu systema, como se este fosse uma
 obra delles, ou se quer dos seus antepassados!

Que se defenda *unguis et rostris* aquillo
 que custosamente se edificou, aquellas construc-
 ções da historia que mostram impressas nas faces
 os signaes da força, do trabalho, da heroizma
 de gerações inteiras que morreram para lhes dar
 vida, é digno e é meritorio. Que se defenda
 uma instituição que nasceu de um mal entendi-
 do, de um calembur da historia, filha do medo, da
 protervia e do acaso, é a maior das singulari-
 dades do tempo presente. A monarchia brasilei-
 ra não é um producto original de nosso sólo, de
 nosso labor, de nossas lutas, das forças agentes
 de nossas tradições ; é apenas a resultante da
 relaxação dos nervos de João VI, da pusillanimi-
 dade de seu animo, da fraquesa de seus senti-
 mentos.

Tivera sido elle um homem em vez de um
 poltrão coroado, e teria ficado em sua patria,
 teria feito frente a seus inimigos, e a independen-
 dencia do Brazil não se teria complicado com o
 trambolho de uma corte de fugitivos, que deixou
 malignos rebentos neste sólo. Ah ! fuga maldi-
 ta—já tens feito correr e ainda farás jorrar tal-
 vez o sangue brasileiro !

E' admiravel que a covardia de um príncipe
 seja por oitenta annos o embaraço á constituição
 e ao progresso de um povo.

Como quer que seja pesada esta vergonha, el-
 la não tem bases sérias em nossos corações,
 nem no amago de nossa historia. O povo brazi-
 leiro não desmente a lei geral da democratização
 das nações occidentaes da Europa e da America.
 A população colonial foi constituída de indivi-
 duos do terceiro estado, a que se alliarão es-
 cravos indios e negros ; a realza ficava longe
 e os raros representantes da classe nobre, ja de
 si bastante decadente, desfructavam empregos
 e sinecarras, accumulavam riquezas e iam des-
 tructas no reino.

Não deixavam raizes no paiz, a não ser, ás
 vezes, alguns *bastardos* que tinham das mulatas
 e caboculas. Logo no segundo e no terceiro se-
 culos da colonia a guerra contra os *hollandezes*,
 os movimentos dos *Mascates*, dos *Emboabas*, de
Beckman, da *inconfidencia*, mostraram bem cla-
 ramente a pujança democratica da população.

Em nosso século, a propria independencia
 aniquilando os restos da nobreza portuguez ; as
 revoluções do tempo da regencia, abatendo os
 caudilhos das provincias ; a guerra de Rosas e
 do Paraguay, pondo em contacto brasileiros de
 todas as zonas e levando os filhos do paiz a ve-
 rem com os proprios olhos o progresso das re-
 publicas vizinhas ; a inoculação de immigrantes
 sahidos do proletariado europeu e espalhados
 pelas provincias do sul e em geral por todas as
 cidades do littoral ; o commercio constante com
 os Estados Unidos, especialmente na região a-
 mazonica ; a assimilação perenne da litteratura
 revolucionara estrangeira ; a instrução mais
 espalhada, levando os jornaes por toda parte ;
 tudo isto, e outros tantos factos que deixamos
 de uolar, são fontes da evolução e progresso de-
 mocraticos.

Existem, porém, razões ainda mais profun-
 das, impulsas mais poderosas. Estes são a pro-
 pria constituição ethnographica de nosso povo,
 especialmente apreciada sob o ponto de vista e-
 conómico da escravidão e do predomínio políti-
 co e social. E' uma historia de hontem conhe-
 cida nas suas linhas capitaes. Representemo-
 nos os factos como elles se deram. Algumas
 centenas de plebeus portuguezes foram se col-
 locando em pontos diversos da costa e consti-
 tuindo as feitorias, que tinham de ser os nucleos
 de onde haviam de sahir os povoadores de nos-
 sas actuaes provincias. Lançavam mão dos in-
 dios que podiam sujeitar, e os reduziam a escr-
 vidão !

Oppondo estes resistencia muitas vezes, re-
 correram os colonos a africanos, que foram tam-
 bem reduzidos á escravidão.

D'ahi sahio a gente brasileira. Não pôde ha-
 ver origem mais humilde ; a democracia aqui
 rompe dos berços. Mais tarde os captivos de ra-
 ca indigena foram emancipados e incorporados
 á população civil ; mais tarde ainda os escravos
 de raça africana foram emancipados e incorpo-
 rados também á população civil. Ora,—a entrada
 do proletariado agricola e industrial na vida ge-
 ral da nação, é justamente o que se chama o
 reinado da democracia, e á nossa, falta somen-
 te por enquanto a consciencia nitida de sua for-
 ça.

No Brazil, onde a monarchia não brotou dos
 factos historicos, como a coroação de uma obra
 secular, como o ultimo termo de uma evolução
 politica simientada pelo labutar dos tempos, a de-
 mocracia deve sem lutas e sem abalos tomar a
 forma politica que lhe é peculiar—a republica.
 E como ha de ser organizada esta republica ?
 Eis a questão prévia que deve ficar solvida em
 todos os espiritos, antes que os estilhaços do
 throno acabem de voar pelos ares.

O auctor apresenta as tres soluções
 principaes que a sciencia politica tem
 dado á questão :

—A Republica unitaria e parlamen-
 tarista pelo actual modelo francez ;

—A Republica federal ao modo nor-
 te-americano ou argentino, extra-parlamen-
 tarista ;

—A Republica unitaria *dictatorial*
 positivista, ideada por Comte.

Analizando-as todas dá preferencia á
 segunda forma, federal, extra-parlamen-
 tarista.

II

A organização republicana federal sem *par-*
lamentarismo, e o que convém ao Brazil. Veja-
 me bem, sem *parlamentarismo*, dissemos nós,
 e não sem parlamento.

E' precisa muita cegueira para esconder que
 as assembleas deliberativas, sob quaesquer for-
 mas no curso da historia, tem sido quasi sem-
 pre o paladio das liberdades publicas. Nos es-
 boços da idade-media e nos tempos modernos é
 esta uma verdade que avulta e impõe-se diante
 de todos. Só conveniências retrogradas e abso-
 lutistas o poderão occultar.

O governo representativo é e será ainda por
 muito tempo, até que a sociedade possa dire-
 ctamente agir todos os seus nogoclos, o gover-
 no dos povos modernos.

O proprio parlamentarismo, isto é, aquelle
 mesmo governo cujos agentes directores e pro-
 eminentes do executivo devem ser tirados do
 seio da assemblea representativa, devem ser
 della apenas uma commissão, ficando constan-
 temente debaixo de sua fiscalisação, e não po-
 dendo administrar sem o apoio de sua maioria,
 até este proprio governo, dizemos, funciona a-
 dmiravelmente entre povos preparados para elle,
 como a Inglaterra, a Belgica, a Hollanda, a Ita-
 lia ; todos os povos emfim onde germanicos ou
 latinos puros tem a preponderancia. Naufragam
 nelle as nações turbulentas ou fracas, alheias ao
 senso politico, onde predominam celtas e iber-
 ros, indebitamente decorados com o titulo de
 latinos, como é o caso da França, da Hespanha,
 de Portugal e do Brazil.

E, mesmo entre estes povos, que seria das
 liberdades nacionaes se as assembleas não ex-
 istissem para contrastar o despotismo regio do
 que elles são particularmente victimas ?

Qual teria sido a marcha de nossa historia
 em particular, a que ponto haveriamos chegado,
 com o poder absoluto, oriundo da carta, nas
 mãos de um príncipe astucioso e sem geniali-
 dade, como o actual, no longo reinado de cin-
 coenta annos, se não fora a sombra do parla-
 mentarismo que nos resta, sombra embora, mas
 bastante forte para levantar-se por cima das
 manhas regias e assoberbal-as ? Respondam os
 espiritos sensatos e conhecedores do assumpto.

Nos governos monarchicos representativos,
 como o nosso, preferiamos a forma parlamentar
 como barreira á perpetuidade e á força do po-
 der principesco. Nas republicas federaes, cujo
 presidente é meramente temporario, e desposi-
 tario de um poder, limitado em especial pelo
 Senado e pelo Supremo Tribunal Judicial, a in-
 gerencia permanente do parlamento difficultaria
 em excessó a marcha dos negocios.

O parlamento faz as leis, vota os impostos,
 os orçamentos, pode iniciar planos de reforma,
 elege, em nosso pensar, o chefe do Estado, pode
 indicial-o em processo ante o supramo tribunal,
 eis nas suas principaes attribuições.

O presidente exercerá suas funções por se-
 is annos e não poderá ser reeleito senão depois
 de passados outros seis annos—Uma segunda
 reeleição será prohibida em absoluto.

Os ministros os secretarios de Estado serão
 da confiança do presidente e deverão ser alheios
 ao parlamento, como acontece na Republica Ar-
 gentina, em cuja constituição de 1850 se lê, no
 art. 91 :

«Não podem ser senadores nem deputados, ex-
 cepto se derem sua demissão das funções de mi-
 nistros.»

Nesta sabia constituição e na dos Estados-U-
 nidos encontram-se excellentes ideias sobre as
 attribuições do chefe do Estado, da camara dos
 deputados e do senado temporario, dos diversos
 poderosas nação que a constituinte brasileira,
 quando organizar a republica federal entre nós,
 deve convenientemente adaptar a este meio.

Por esses modelos democraticos é que dese-
 jamos a nossa organização republicana.

A REPUBLICA

vende-se em avulso a 100 rs.
 o numero, em casa do Sr. Ma-
 noel da Veiga, na cidade alta ;
 e em casa dos Srs. Chagas
 Junior & C.º no bairro da Ri-
 beira.

Por motivos de força mai-
 or deixou a *Republica* de
 sahir na 2.ª feira, e o de
 costume. Pedimos disso des-
 culpa aos nossos assignantes

Cap. Pedro Soares

A REPUBLICA

ORGAN DO PARTIDO REPUBLICANO

Redactor-chefe—Dr. Pedro Velho

Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua do Visconde de Uruguay n. 6

ASSIGNATURAS
Para dentro da provincia por anno—5:000rs. Para fora do

NATAL — Segunda-feira 16 de Setembro de 1890

Não tendo nós poupado esforços e sacrificios para o apparecimento regular da REPUBLICA, pedimos aos nossos assignantes, que ainda não satisfizeram as suas assignaturas, se dignem fazel-o, ou directamente no escriptorio da redacção, ou por intermedio dos nossos agentes.

São agentes d'A Republica com authorisação para agenciar e cobrar assignaturas, receber qualquer communicação que interesse ao partido republicano e attender ás reclamações que appareçam por parte dos nossos correligionarios e assignantes, os seguintes cidadãos:

1.º DISTRICTO

- Ceará-novo—Fellissimo Dantas
- Tourós—Juvencio Tassino.
- Macahyba—Francisco Muntz.
- S. José—Manoel Feliciano de Souza.
- Arex—João Pegado Filho.
- Goianinha—Luiz Candido.
- Canguaretama—Olympio Tavares.
- Nova Cruz—Francisco A. Correia.
- Santa Cruz—Theophilo Osvaldo.
- Macáu—Joaquim Virgolino de Souza.

2.º DISTRICTO

- Angicos—José Rufino C. Pinheiro.
- Assu—Arthur Napoleão S. de Macedo.
- Principe—Presidente do C. Republicano
- Imperatriz—Manoel de Souza Pereira.
- Mossoró—Manoel Virgolino Cezar.
- Apody—Capm. João Nogueira de Lucena.

A REPUBLICA

vende-se em avulso a 100 rs. o numero, em casa do Sr. Manoel da Veiga, na cidade alta; e em casa dos Srs. Chagas Junior & C.º no bairro da Ribeira.

A REPUBLICA

Os Presidentes

Não há missão mais importante e cheia de graves responsabilidades; não há magistratura mais difficil e que exija maior somma de aptidões, do que uma presidencia de provincia. E tratando todos conhecem e clamão (no desario) contra a forma de, falta de criterio e, errotas as condições com que se consigna as provincias administradores, que não conhecem a terra nem procurão conhecê-la.

Muitas vezes a presidencia não passa de uma aprendizagem, uma sine-cura, uma simples viagem de recreio, ou um óssio para o amigo irrendo, enquanto se arranja coisa melhor; nas epochas eilioras são encomendas a propósito: pode levar o diabo tudo, voem pelos ares as normas administrativas; o que se quer é a eleição segura; os meios não faltão.

Em regra não se escolhem os mais dignos; é um fillete qualquer que o commandante politico não pode encartar de outro modo no commercio do orçamento.

Entre o chefe influente e o ministro conclui-se o arranjo de seguinte modo:

—Cons., que se há de fazer de fulano; penso que aquelle meo sobrinho não dá pr'a nada.

—Homem, o gollo é fazel-o presidente da P. nhy. E lava-se o decreto.

Quando não dá a mania de querer tomar a serio a sua missão, sem entender do recado, (o que é uma calamidade para a terra) chegam passivos e nullos, perguntando pelo manda-chuva da politica dominante.

Apresentão-lhe o coronel fulano, o commandador sicrano ou o barão beltrano, grande influencia, sugão spatado ou linorio.

—Ora diga-me lá o amigo o que se há de fazer para bem dos povos?

—V. Ex. melhor do que eu saberá com *uma prudencia* felicitar esta provincia; mas na minha humilde opinião, como medidas de urgencia, para salvar a moral e os cofres, deve ser logo demittido fulano que não é correligionario, devendo ser por tanto multissimo ladrão e burro e nomeado meo cunhado sicrano, que alem de outros serviços já empalhou duas eleições.

—Está servido. Só isso?

—O major beltrano tambem deseja, e é de justicia que lhe concedão, uma terre na matriz de sua villa, com administração do genro, e um açude n'umas terras secas que tem para as bandas do Jacaré.

—Pois não! Presidente assim, manso e cordato, é logo chrysamado pelos amigos de criterioso, probo e illustrado. Os adversarios achão-no em regra uma cavalgada e um paloteiro.

O povo que não entende dessas cousas não sabe o que penso, e resume o seu juizo deste modo; é tudo uma corja—politica só para quem não tem vergonha.

Eis as 2 especies mais conhecidas: Presidentes de carregação, ou presidentes de encomenda! Para aqui tem vindo cada um... pr'a desmamar!

Pois não haverá neste paiz de 12 milhões de habitantes 20 sujeitos idoneos e capazes de administrar as provincias?

O Sr. Fausto Barreto, (concedamos-lhe as virtudes todas, e os mais altos meritos de espirito, sem lhe restringir os talentos aos domínios meramente grammaticos, como fazem outros); o Sr. Fausto Barreto [outro parentese: conhecemos-lhe um merito incontestavel, se é que o caminho que tem trilhado foi sempre o do trabalho, e não do filhismo]; S. Exc. de pouco que era chegou a presidente de provincia e de-

putado); enfim, o Sr. Fausto Barreto oque veio fazer ao Rio Grande do Norte? As eleições, tendo de quebra a vantagem de assiti de perto as manobras do general Henrique d'Avila no Ceará.

S. Exc. está eleito, e quasi que ja deo conta do seo recado na provincia. A massada do 2.º districto talvez até o esteja aborrecendo. Dirá consigo: —Que quer mais aquelle homem? Não pade com a vida dos matutos, o outro diz que só é dissidente aqui... Antes não tivesse embarcado naquella valdoza aventura...

Mas está eleito, e vaé-se brevemente, sahindo desta beocia, enjoado e sem deixar saudades.

O que faz?

Os soccorros! Pobres soccorros; não deixão grandes vestigios de utilidade publica. Somem no fim as despesas feitas e os melhoramentos realiaados, e digão-nos com franqueza se não nos poderião ter sido dez vezes mais proveitosas as quantias despendidas.

A instrucção! S. Ex. é professor, e de muito boa nota; mas ha de passar por aqui deixando na instrucção o rasto luminoso de remoções e demissões partidarias e injustas, ficando a cousa como d'antes, ou peor. Não teve tempo... Mesmo que o tivesse, talvez as conveniencias lho não permitissem realizar beneficio algum. O professorado da provincia pode não prestar, mas tambem leva vida de cão. Até as pobres professoras apañam-se para tritura-las em sua engrenagem maldicta, substituição barba de ambos os partidos monarchicos.

Assim pois a administração foi exclusiva-mente eleitoral. Vai-se o presidente, sem conhecer a terra nem as suas necessidades. Nenhum laço prendia a esta provincia, nenhum interesse agora o anima pelo nosso bemestar. Ha de embarcar com acompanhamento e abraços saudosos, dizendo no intimo *quem-se*, e tenjo em resposta um *suma-se* geral. E' historia conhecida.

S. Ex. talvez ainda tenha de ceder aos amigos em certos arranjos eleitoraes, para a segunda batalha que se vai travar no sertão, luta renhida em que o governo local mostra um empenho desesperado, e que pode ter consequencias perigosas, pelo que se diz.

Mas, pode s. ex. condescender com tudo, até as mais desarrazoadas exigencias, pode mandar para o sertão grandes destacamentos *garantidores* da liberdade do voto, e avultados soccorros para ás necessidades da *população indigente*, com tudo isso uma cousa lhe garantimos; ou entrega-se do corpo e alma, atado de pés e mãos, mesmo com repugnancia e violencia ao seu caracter e á sua probidade, ou concedidos 99 favores, a recusa do contentimo bastará para que o achem desazado e imprestavel!

E' outra historia sabida!

Nas demais provincias é a mesma cousa. Para o Ceará veio o senador Avila. *Veni vidi vinci* pode repetir, como Cezar, o terrivel gaúcho.

Mas agora, depois que se apañou servido, parece que o governo estranha que elle tivesse gasto tanta farinha e tanto dinheiro com os electores... queremos dizer os retirantes, e ahí volta o homem trombado com o sr. L. de Albuquerque.

Eis o que são as presidencias de provincia. A electividade pode remediar em parte ao menos esta desordem? Pode. Pode, mas sem o sophisma que lhe quer encherter o partido liberal.

O liberalismo do governo anda para traz; quer a escolha feita pelo imperador, n'uma lista de tantos votados. Ora essa escolha só pode recahir sobre uma creatura do governo, ou sobre o melhor dos adversarios, quando a chapa da opposição triumphar completamente.

Sabe-se que a corda ouve os ministros, ou deixa-lhes mesmo a escolha dos senadores; com maioria de razão ha de aliçendê-os na escolha

dos presidentes, cargos administrativos mais directamente prezos aos ministerios.

Pode acontecer e ha de acontecer muitas vezes o seguinte: ser preferido algum pão de encher, uma canha que venha na bagagem, deixando-se á margem um cidadão prestimoso e capaz, que venha na ponta. Ou fação logo uma reforma decente e seria, ou deixem-se de remendos impróprios. Esta monarchia está indo-se de gasta e podre. Não se amofinem na canceira inútil do remendal-a. Atremos logo ao lixo das instituições que derão o cacho essa velha capa, e compremos roupa nova.

O Brazil e os Estados Unidos

Ninguém ignora a assombrosa prosperidade financeira da grande republica, e o seu estupendo progresso commercial, industrial e agricola.

Entretanto não é demais conhecer ainda alguns dados da civilização daquelle paiz admiravel: A união americana é o paiz onde se publicão mais livros e jornaes.

Emquanto que na Inglaterra se destinão anualmente para impressão 95,000 toneladas de papel, nos Estados Unidos destinão-se, para o mesmo fim 167,000 toneladas!

Nos Estados Unidos existem cerca de 23,000 bibliothecas escolares, com 45 milhões de volumes; enquanto que todas as bibliothecas reunidas da Europa inteira possuem um numero de volumes bastante inferior.

Os Estados Unidos são a nação que gasta menos com o exercito e mais com a instrução.

Emquanto que a Alemanha, com uma população inferior, tem mais de um milhão de homens em armas, os Estados Unidos cujo territorio é igual em extensão ao da Europa inteira, tem um insignificante exercito de 25,000 homens, menos do que os das mais insignificantes monarchias europeas, como a Dinamarca, a Servia ou a Bulgaria!

Emquanto que a Inglaterra gasta milhões e milhões de libras esterlinas para manter uma esquadra couraçada, que a arruina, os Estados Unidos não tem esquadra a não ser a de alguns cruzeiros destinados a thera policia maritima!

E' verdade que, em caso de necessidade, como aconteceu em 1861-1865, n'um momento por a união americana em pé de guerra um exercito de 2 milhões de homens e armou uma esquadra de mais de 600 navios!

N'um paiz assim deve sobretudo ser digna de estudo a constituição, á sombra da qual taes maravilhas se tem realisado.

Esta constituição, da qual disse o grande Gladston, que era a obra mais perfeita que de um só jacto sahira do cerebro humano, principia assim:

«Nós o povo dos Estados Unidos, com o fim de constituir uma união mais perfeita, de estabelecer a justiça, de assegurar a tranquillidade domestica, de promover á defeza common, de augmentar o bem estar geral, e de assegurar para nós mesmos e para os nossos filhos os beneficios da liberdade, ordenamos e estabelecemos a presente constituição.»

No Brazil a carta que nos outorgou o primeiro imperador; depois de haver dissolvido com violencia e despotismo a Assemblêa constituinte, tem por preambulo essa cataplasma:

«D. Pedro Primeiro (vai com as maiusculas da bajulação cortezanesca) por graça de Deus e unanime (unanime é boa—nem ao menos uma excepçãoinha para os que mandava enforcar) aclamação dos povos Imperador constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil: «Fazemos saber a todos os nossos subditos que, tendo-nos requerido os Povos deste Imperio, juntos em Camaras, que Nós, quanto antes, jurassemos e fizessemos jurar o projecto de Constituição que haviamos offerrecido ás suas observações, para ser depois presente a nova Assemblêa Constituinte (isto foi para inglez ver) mostrando o grande desejo que tinham de que elle se observasse já, como Constituição do Imperio, por lhe merecer a mais plena approvação, e delle esperarem a sua individual e geral felicidade publica, Nós juramos o sobredito projecto para o observarmos e fazermos observar, como Constituição que d'ora em diante fica sendo deste Imperio, a qual é do teor seguinte.»

Ora consulte cada um a sua dignidade pessoal e a sua hora civica, e diga-nos em consciência o que lhe parece mais serio, mais nobre e mais digno: dizer um povo o que quer affirmando a sua athonomia, e receber de um principe

a honra de um carta, onde a parte do leão pertence sempre ao dador?

E isto na America!

Por que hão de os gastos rebeldes bragandino e orleanista estar empocendo no paiz a sua natural e legitima aspiração democratica? Sabem que não se aguentão, porque ainda teimão, corrompendo e aviltando a nação que os desadora?

Estrada de Ferro do Ceará-mirim

O telegrapho annuncia a concessão de uma estrada de ferro desta capital ao rico valle agricola do Ceará-mirim, a nossa mais importante zona assucareira.

A cultura da canna é a industria mais remuneradora que existe na provincia. Apesar da inconstancia dos invernos e da extraordinaria deprecação do assucar, ante a competencia da beterraba, que se explora scientificamente, no passo que os nossos engenhos perdem ou deixam de aproveitar mais de 20% da parte saccharina da preciosa graminea; apesar da escassez absoluta de capitães com que lutam os nossos agricultores, que esperam ainda pelos chronicos auxilios, que o governo promette e chega mesmo a dar aos plantadores poderosos e influentes do sul, mas que não chegam para uma terra pequena, e que não peza na balança; apesar da dificuldade de transporte com que é onerado o assucar, ainda assim a nossa maior fonte de riqueza é a cultura da canna.

A estrada de ferro projectada vai certamente dar um impulso extraordinario á riqueza agricola daquelle fertilissimo valle.

Introduzam-se na industria saccharina do Ceará-mirim os melhoramentos que modernamente se tem inventado e applicado na Europa e nas Antilhas, e a sorprendente uberidade do grande valle dará resultados sem competencia naquelle genero de cultura.

Se com os aparelhos rudimentares que hoje possuem, com os rotineiros processos de fabricação empregados nos nossos engenhos o Ceará-mirim já é o paraizo agricola da provincia, com os engenhos centraes (que além da perfeição dos machinismos resolvem o problema economico da divisão do trabalho) vamos assistir a um acrescimento de prosperidade tão rapido e notavel, como poucas vezes se tem visto, mesmo nos paizes mais apropriados á agricultura.

Ora, os engenhos centraes—uma utopia sem a estrada—podemos contar com elles certa e infallivelmente logo que o transporte das machinas deixe de ser empresa cyclopica, para reduzir-se á simples questão, facil e pratica, de tarifas de uma ferro-via.

Tão difficil seria transportar pelos caminhos actuaes os aparelhos complicados e pezadissimos de uma uzina modelo, como inacreditavel é que seja adiado este commettimento, logo que os convenientes meios de transporte offerçam exequibilidade á empreza.

E' tão boa a noticia e estamos tão fartos de vêr a incuria e desdenhoso esquecimento em que é tida esta provincia, que ainda recebamos que a coisa não fique nos arames, sem descer ao terreno da pratica.

Ha tantos annos que se falla e se trabalha para conseguir esse melhoramento, que havia já uma como que fadiga e desanimo á respeito, e muitos receiam que, mesmo desta vez, a ideia não tenha o destino de todos os negocios em que entra o governo—afogar-se n'um mar de papelorio.

Esta estrada pensam uns que deve ser feita de preferencia como ramal da via ferrea de Natal á Nova Cruz; opinião outros que o traçado mais acertado é partir da Coroa em direitura.

A competencia dos profissionaes fique o decidir esta questão; o que nos enche de prazer a nós e a todos aquelles que sinceramente desejam o bem da provincia é a noticia de que a empreza será levada a effeito.

Faça-se, pois, a tão desejada estrada, e sem demora, e já—directa, ramal, aerea, subterranea, como quizerem, mas faça-se; e feita ella o problema dos engenhos centraes está resolvido, e a agricultura do rico valle do Ceará-mirim pode rir-se de quanta beterraba houver no mundo.

A Republica é a Ordem

A policia imperial, desordeira e assassina é mettida no xelindró pelos republicanos garantidores da ordem.

Foi assim o memoravel caso:

O benemerito chefe republicano de Campinas, o illustre cidadão Francisco Glycerio, atacado com uma sanha feroz pelas autoridades policiaes no hotel em que se achava hospedado em S. Antonio de Padua, provincia de S. Paulo, reage com denodo e coragem superiores, organisa com o povo a resistencia aos assaltantes, prende o delegado e o commandante aggressores, mette-os, sem violencia na cadeia, emprega toda sua influencia e prestigio em conter a população indignada, cuja exaltação não estava longe de querer tirar dos indignos e miseraveis assaltantes uma desforra mais completa, telegrapha ás autoridades superiores da provincia, e, entregando ás justicas d'el-rei os criminosos, retira-se, deixando trancafiada e incólume a policia imperial desordeira e assassina.

Falta agora, como consequencia desse notavel civismo, que o governo liberal mande affixar novo edital, prohibindo a defeza mais legitima aos republicanos, intimando-os a deixarem-se matar resignados e contrictos, ás mãos de reaccionarios brutaes e desenfreados, que serão tanto mais caros ao throno quanto mais anarchisadores e vandalos se mostrarem.

Lapsos

A nossa revisão não se pode dizer que seja a que ha de mais perfeita no genero: escapão frequentemente tamanduis enormes, verdadeiras charadas sem conceito, que o assignante vai tragando calado, por amor á causa, mas sem perceber patavina. E' costume, quando uma publicação não sae correcta, appellar-se para o bom senso e criterio do leitor, cuja intelligencia facilmente suprirá as emendas omittidas; mas vem ás vezes cousas tão desparatadas que o amigo leitor, mesmo que seja um alho, não mette o dente.

Lembrou-nos a principio fazer publicar, no dia seguinte ao da sahida da folha, um supplemento de distribuição gratuita contendo as erratas. A ideia só não chegou á execução por que sahia um pouco cara, mas era boa. Hoje ficou assentado que dissemos ao respeitavel publico, sobre as incorrecções que for encontrando, este unico e definitivo cavaco: é culpa dos revisores; parece que andão no mundo da lua, com a cabeça cheia de ideias e vazia de instrução primaria.

Tivemos um amigo que sustentava a pés juntos que lhe pertencia todo lenço encontrado sem marca: tinha-o comprado na loja de fulano, por tanto, em tal dia. Declara-se aqui com uma convicção igualmente profunda que todo erro que apparecer no nosso periodico é culpa da revisão.

Fique isto bem entendido e de uma vez assentado. E' o mais commodo.

Inimigos de todo privilegio, não levaremos aos tribunaes os collegas que se queirão aproveitar de tão sublime achado.

Nominação de um morto

Do Correio Paulistano:

«Foi, ha poucos dias, exonerado do lugar de collecter das rendas geraes de Santa Barbara, o nosso amigo sr. Aquilino

Carlos de Oliveira, e nomeado em substituição o sr. Ignacio de Oliveira Lemos.

Pois muito bem
Segundo carta recebida por pessoa fidedigna nesta capital, é sabido que o nomeado falleceu a 22 de Março deste anno.

O sr. general Couto Magalhães procura actualmente nos astros o nomeado para fazê-lo tomar posse de seu logar.

Ira de encontrar-o, pois não, ha de.
É realmente funebre esta administração liberal! No Rio Grande já vimos como a furia do Gaspar demitte um morto, e agora em São Paulo o general *Pancada* leva as suas biandicias até a lavar a nomeação de um defunto!

A Republica no Ceará

Acaba de organizar-se na vizinha provincia do Ceará o partido republicano, que conta cada dia novas e importantes adhesões.

O Club da Fortaleza, sob a presidencia do talentoso Sr. Joakim Cutunda, publicou um optimo e energico manifesto, promovendo uma serie de conferencias democraticas, onde illustres e eloquentes oradores tem sido applaudidos e victoriados por numerosa e selecta concurrencia, abrihantando as assembleas republicanas a presença gentil de distinctas senhoras da melhor sociedade.

Este facto é no fim de contas naturalissimo, pois o que estão agora fazendo os cearenses já outros brasileiros, em muitas capitães, cidades e villas do sul e do norte o fizeram, e acabará por fazê-lo todos os povoados onde chegar o echo patriótico da sublime propaganda. Mas é para notar que isso apparecesse logo após a viagem do *consorte* ás provincias septentrionaes.

O illustre viajante consolidador da dynastia trazia a intenção philoxerica de fazer murchar e morrer a vinha republicana, e eis que lhe surgem a passagem novos rebentos, ganhando força e vigor os nucleos existentes.

Não é o caso de dizer-se que o homem veio buscar lá e sabio tosquendo? No Ceará o republicanismo, apenas latente precisava de um estímulo para brotar. Quia a havia de ser o opportuno ensejo? A viagem do conde d'Eu

Infeliz lembrança teve a monarchia de mandar consolidar o throno com a *amável e sympathica* presença do consorte surto!

Baronato recambiado

Annuncia-se por telegramma de Ouro Preto que o digno cidadão João Gualberto Martins Costa, prestigioso chefe republicano, recusou o titulo de barão, com que o ministerio recentemente teve audacia de tentar subornal-o.

A mais nobre heraldica do cidadão é a dignidade que assim se revela.

Quando os conservadores começaram a afidalgar quanto bicho carêta havia pelas provincias, servindo-se do pretexto de que eram *benemeritos* da abolição, (sujeitinho de mãos bofes, que passou a vida a *comer a negrada no bacalhau*, vio-se de repente commendador ou barão de 13 de maio) os liberaes achavam aquillo uma indecencia e uma pouca vergonha. E era. O Sr. João Alfredo chegou a nomear dignitario não sabemos de que ordem um cidadão que dormia na *Ilha dos quietos* havia annos.

Mas agora porque titulo de benemerencia estão os liberaes *ennobrecendo* meio mundo?

Não se sabe ao certo.

Parece que havia necessidade de amaciar o pélo de algumas *influencias* antigas mas exigentes, tentando também a vaidade dos adversarios *faceis*.

O cofre das graças e o cofre dos *auxilios* tem dado grande prestigio ao programma liberal; mas nem para todos a epidemia da improbidade politica é contagiosa... Quanta miseria!

COUSAS DA PROVINCIA

VI

O MUNICIPIO DE TOUROS

Vamos continuar a dizer aos nossos leitores o que esta provincia possue como elementos de riqueza, até hoje completamente desaproveitados.

Consagramos este artigo ao importante municipio de Touros, que por seus muitos rios perennes, pela fertilidade do seu solo, pelos numerosos valles que contém, por suas lagoas por suas matias seria—aproveitado por um governo honesto e bem intencionado—um refugio cheio de recursos, para a população batida pela enorme calamidade das seccas.

Uma vez cultivados os diversos valles que ha no municipio, proprios todos para o plantio da canna e que são, do norte para o sul: Touros, Sacco, Punahú, Lagoa da Prata, Arrepiado, Catolé, Curicaca, Maxaranguape e Riachão, darão em assucar cerca de 150.000 saccos de 75 kilos, mais do que a actual produção do Ceará-mirim.

Entretanto, se não fosse o esforço particular de alguns lavradores, nem mesmo a pequena safra que annualmente produz o valle do Maxaranguape entraria na constituição de nossa riqueza agricola.

O Maxaranguape, cuja produção já tem subido, em annos regulares, a 38.000 saccos de assucar, tem tambem descido em annos invernosos, por insufficiencia de esgoto das aguas pluviaes, a 12.000.

Uma differença de 26.000 saccos, mais de 200 por cento!

Entretanto só os direitos de 5% sobre essa differença de safra importão, ainda com a *pauta* modica de 80 réis, em 7.800\$000—quantia sufficiente para se fazer na barra do rio um serviço de desobstrucção, capaz de garantir as plantações. Nenhuma despeza de obras publicas seria mais perfeita e longamente compensada.

Lucraria o Estado, lucraria o municipio, fomentando-se do mesmo modo a fortuna particular

Mas de auxilios agricolas desta natureza não se cuida, porque não garantem votos ao governo do 3. reinado, e para tal governo: *votos... na ponta*, custe o que custar.

Além de Maxaranguapes já se vai iniciando, embora com sacrificios acima das forças da nossa pobreza, a cultura da canna nos valles do Punahú, Sacco, Lagoa da Prata e Arrepiado.

Não é só para esse genero de cultura que são apropriados os terrenos de Touros; produzem cereaes de toda especie, e quando em tal abundancia que abasteco de farinha a comarca do Ceará-mirim, sendo igualmente aproveitaveis para o cacão, cuja cultura já foi alli ensaiada.

Na Serra Verde e nas Porocas, (feitos uns dous açudes *extra-eleitoraes* para prevenir a escacez de aguas potaveis) existem terrenos vastos e fertilissimos, capazes de accomodar centenas de familias, bastando para abastecer a provincia inteira a farinha que naquelles pontos se poderia fabricar. E o governo é tão *pater-nalmente* providente que não quer tirar-nos da contingencia tantas vezes repetida de comprar-

Voltemo-nos para a America. Quanto dispendem os Estados-Unidos com a sua primeira magistratura? 45 contos de réis apenas! E no entretanto os Estados-Unidos são hoje incontestavelmente a primeira nação do mundo, pela enorme area que occupam, pelo rapido crescimento da sua grande população, pela sua riqueza e prosperidade, pelo incremento prodigioso das suas forças economicas, por todos os elementos de progresso, que determinam a supremacia de uma nacionalidade.

Ainda mais. A lista civil portugueza (e fallamos especialmente agora d'esta porque mais de perto nos interessa) é pouco mais ou menos igual ao dobro do que pagam reuvidas aos seus respectivos chefes de estado as seguintes nações: França, Suissa, Republica Argentina, Chili, Mexico e Estados-Unidos. Todos estes paizes, que formam incontestavelmente um dos mais importantes grupos da civilização contemporanea, e que somam 106 milhões de habitantes, contribuem para as despezas de dotação e representação dos seus chefes de estado com 269 contos de réis (somma das diferentes dotações), em quanto que só Portugal paga para cima de 600 contos!!

Repetimos, não será o confronto bem eloquento?

Declarámos neste momento tratar do principio da irresponsabilidade, digna politica fundamental das monarchias, que profundamente as distingue das republicas. Como esta questão, porém, é de altissima importancia, reservamol-a para um numero especial da presente publicação. (Cont.)

FOLHETIM

A REPUBLICA EM THEORIA

(CONTINUAÇÃO)

Assim, pois completa eliminacão do velho e anachronico principio da hereditariedade e substituição d'este principio pelo electivo, eis o distinctivo principal da forma republicana de governo.

É evidente, que não é apenas por esta distincção que se differenciam as republicas modernas das monarchias. A abolição da hereditariedade traz consigo um certo numero de reformas, que são outros tantos pontos de divergencia entre as duas formas de governo.

Por exemplo, com o advento dos poderes electivos deixam as faustosas despezas da realca de ter razão de ser.

Quando o chefe do estado é um ser privilegiado, quasi divino, mysterioso, necessita para manter a lenda da sua superioridade acima dos outros homens, de se cercar de pompas que deslumbram os que só attentam nas exterioridades.

Por isso as monarchias custam muito caras aos povos que as supportam.

Nas republicas pelo contrario, em que o presidente é apenas temporariamente o primeiro dos cidadãos, não é necessario o fausto para dar realce a uma magistratura, que se recomenda á consideração publica por outros predicados.

A republica é o mais barato dos governos. A monarchia, pelo contrario, é o mais dispendioso.

Para que se não supponha ser gratuita ou menos fundada esta asserção, vamos mostrar quanto custa a lista civil n'alguns paizes monarchicos e n'algumas republicas da actualidade.

Na Europa custa a lista civil annualmente por habitantes nas seguintes monarchias:

Inglaterra, 76 1/2 réis; Russia, 88 réis; Italia, 97 réis; Prussia, 117 réis; Austria, 117 réis; Portugal, 145 réis; e nas duas republicas: França, 4 1/2 réis; Suissa, 4 1/2 réis. O confronto não pôde ser mais eloquente.

No orçamento de 1885-1886 a casa real portugueza custava o seguinte ao paiz:

Ministerio da Fazenda—Dotação familia real.....	571:000:000
Ministerio da guerra—officiaes ás ordens d'el-rei.....	9:210:750
Ministerio da marinha—officiaes ás ordens d'el-rei.....	6:096:000
Ministerio das obras publicas—Concertos e obras nos paços, etc.....	6:000:000
Guarda real d'archeiros.....	3:500:000
Juros d'inscripções em usufructo da corôa.....	62:000:000
Total.....	657:806:750

Eis o que «legalmente» custa a realca a Portugal. Note-se que não fallamos do que «illegalmente» lhe custa. E contudo Portugal é uma pequena nação de 4:500:000 habitantes, pobre, sem industria, sem commercio internacional, sem marinha mercante, economicamente anemica, emfim.

mos fóra, e por alto preço a farinha que consumimos!

A hydrographia do municipio de Touros não fica só nos rios de cujos valles demos os nomes; além de pequenos afluentes desses rios, existem as grandes lagoas Vermelha, Bouquetirão, Fonseca, Giquy e Catolé, sem fallar em outras menores.

Com taes recursos, possuindo bons portos e uma praia admiravelmente placosa, por causa dos *parrachos*, onde se alojão e procurão alimento os peixes, podendo a industria das pescarias ter ali um desenvolvimento notavel, tendo descuidosamente esquecido o importante municipio de Touros, um dos mais ricos, senão o mais rico da provincia.

Mas o demonio da politica prefere remover um professor de instrução primaria a felicitar uma população inteira!

As informações e dados sobre os quaes alinhavamos este artigo nos forão ministradas pelo nosso digno correligionario capitão Juvencio Tassin e pelo Illm. sr. coronel João Fonséca, ambos conhecedores do municipio, onde residem e competentes por sua intelligencia e tino pratico.

Collegiremos noticias de outros municipios para fazel-os igualmente conhecidos.

Estes estudos não são completos, nem poderão sel-os, fallando-nos, como nos fallão, tempo e recursos para melhor fazel-os; mas em todo caso attenção a nossa boa vontade em desobrigar-nos do compromisso, que sinceramente assumimos, de dar noticias constantes do que vale a nossa provincia.

A imperfeição do trabalho deve portanto merecer a indulgencia do leitor.

A. S.

Os politicos

.... O partido conservador estava como que á espera de deixar a responsabilidade do governo para debandar, seguindo cada chefe as proprias inspirações.

Não houve conciliação, e entretanto não existiam entre os chefes incompatibilidades inspiraveis, de caracter individual.

Havia a dissidencia aberta por causa da abolição, que era o facto consummado, contra o qual não valia a pena insurgir-se, pois seria inutil.

As divergencias continuavam exactamente porque datavam da abolição, e assim como esta estava destinada a levar a Patria mais longe do que o pensavam aquelles mesmos que a votaram, assim tambem os que se deixaram influir pelo forte sopro liberal que ella fez circular sobre o paiz não podem voltar aos velhos abarracamentos do partido conservador historico, que está irreversivelmente acabado, apesar dos esforços platonicos do sr. Paulino de Souza, «que quer tentar uma ultima experiencia.»

Eis a que está reduzido a monarchia: os mais sinceros, os mais autorizados monarchistas apellam para uma ultima experiencia com as instituições que veem abandonadas pelos amigos, aos quaes em vão procuram conter.

Do partido conservador, que existia a 12 de maio do anno passado, o chefe que ainda existe é o sr. Paulino de Souza.

O sr. João Alfredo perdeu por tal forma a auctidade como seu desgraçado ministerio, que nem se sabe o que elle pensa, neste momento em que todos os homens politicos têm mais en-

menos definido o que pretendem.

O companheiro do sr. Paulino de Souza na politica fluminense é o senador Belisario; mais este, si ainda não disse que já quer a republica, tambem não diz si ainda quer a monarchia.

O sr. Antonio Prado e os conservadores de S. Paulo declararão-se federalistas, fazem questão da federação.

O sr. Affonso Celso, ministro liberal, com todas as responsabilidades do governo e responsavel pela sorte das instituições, declara que, ainda que a coroa lhe produzesse fazer a federação das provincias, teria a coragem de a recusar.

O diabo que os entenda, dirão alguns, vendo liberaes repugnando aquillo que é um progresso, de quo conservadores se apressaram.

Mas a razão é clara, da divergencia entre a conducta do sr. Prado e a do sr. Affonso Celso.

O primeiro quer a federação e irá até onde ella o levar, ainda que seja a republica, e é onde o sr. Prado irá dar, quer queira quer não, se a federação for por diante.

Isto mesmo tem sido comprehendido por muitos companheiros de s. ex. que declararam-se logo republicanos, fazendo de uma vez o que o sr. Prado, mal impressionado pelas responsabilidades da direcção, não quiz aventurar.

Em S. Paulo, onde foram os liberaes os primeiros que levantaram a bandeira da federação—com a monarchia ou sem ella—a politica do governo, que o directorio adoptou em sua maioria, tem feito com que muitos partidarios, sinceramente federalistas, vendo que a monarchia não nos quer dar a federação, pegam-na á republica.

Entretanto o sr. Affonso Celso, que é um homem de talento e de sagacidade, declarou logo que repella a federação.

Propriamente o sr. Affonso Celso não é presidente do conselho de ministros; é o grande empreiteiro do terceiro reinado.

Querendo a monarchia, elle é logico deixando de-fazer da federação ponto do seu programma.

A federação leva á republica fatalmente, ainda que pelo caminho da monarchia, que o sr. Silveira Martins põe em primeiro lugar, como consequencia immediata da federação monarchica.

O ministerio do sr. Affonso Celso foi a combinação da corda com esse partido, quando a corda conheceu-se em perigo.

A derrama de ouro e a pressão official estão em campo para a manutenção da monarchia.

Mas o trabalho de desagregação continúa, a despeito de tudo, e todos os dias rardam as fileiras monarchicas.

[EXTR.]

Prophecias

Por occasião do rompimento da revolução republicana em 1824, o Padre João Barboza Cordeiro compoz a seguinte

DECIMA

Brevemente a letra -B-
Mudará o I—em -R—
Para que ninguém mais erre
Soletrando a letra -T—;
E então entrando o -B—
Na grande linha do -A—
Todo o povo exultará
Na posse da letra -L—
Sem ter quem nos atropelle
Como estamos vendo -H—.

Brevemente o Brazil mudará o Imperio em Republica, para que ninguém mais erre soletrando a Tyrannia; então entrando o Brazil na grande linha da America, todo o povo exultará na posse da Liberdade, sem ter quem nos atropelle, como estamos vendo Hoje.

O Padre Miguelinho

O padre Miguel Joaquim de Almeida e Castro, astro brilhantissimo de Pernambuco em 1817, na phrase do Padre Dias Martins, foi um dos martyres mais illustres, um dos patriotas mais conspicuos dessa quadra legendaria da historia pernambucana.

Implicado o Padre Miguelinho, como era geralmente conhecido, na revolução, quando a viu aniquilada, corre para sua casa e entrega ás chaimmas todos os papeis da secretaria do governo, e assim salva a vida a muitos dos compromettidos.

Preso, carregado de ferros, foi remetido para a Bahia, eahi terminou os seus dias.

Tempos depois, achando-se o Conde dos Arcos, presidente da commissão militar que o julgou, no Rio de Janeiro, contou a D. Frei Antonio de S. José Bastos, bispo de Pernambuco, que desejando salvar da morte ao Padre Miguelinho, e ao Deão Bernardo Luiz Ferreira Portugal, que, couza alguma pudera conseguir a seu espirito, e admirado do silencio que elle guardava sobre todos os artigos da accusação, lhe dissera em plena sessão: *Padre, não cuide que somos alguns barbaros e selvagens, que somente respiramos sangue e vingança. Balle, diga alguma cousa em sua defeza.*

Mas o Padre Miguelinho nada respondeu, e continuou a guardar profundo silencio. Depois, perguntou-lhe como que o insinuando: *O Padre não tem inimigos, não seria possivel, que elles lhe falsificassem a firma, e com ella subscrivessem todos ou parte dos papeis que estão presentes?* Então fallou elle pela primeira vez, e apenas pronunciou estas palavras, que lhe deram a morte honrosa, a morte dos heroes: *Não Senhor; não são contrafeitas. As minhas firmas nesses papeis, são todas authenticas, e por signal, n um delles o--o--do meu ultimo sobre-nome--Castro---ficou metade por acabar porque saltou papel!*

E assim, preferiu á morte, á vida obtida pela mentira, pela negação dos seus actos. Mas a patria sagra-o heroe nas aras do templo da Liberdade!

A REPUBLICA

ORGAM DO PARTIDO REPUBLICANO

ASSIGNATURAS

Para dentro da provincia por
anno—5:000 rs. Para fóra 8\$.

Redactor-chefe—Dr. Pedro Velho

Toda a correspondencia deve
ser dirigida á rua do Viscon-
de de Uruguay n. 6

NATAL—Terça-feira 24 de Setembro de 1889

São agentes d'A Republica com autorisação para agenciar e cobrar assignaturas, receber qualquer comunicação que interesse ao partido republicano e attender ás reclamações que appareçam por parte dos nossos correligionarios e assignantes, os seguintes cidadãos:

1. DISTRICTO

Ceará-mirim—Felismino Dantas.
Touros—Juvencio Tassinio.
Macahyba—Francisco Muniz.
S. José—Manoel Feliciano de Souza.
Aruz—João Pegado Filho.
Goianinha—Luiz Candido.
Canguaretama—Olympio Tavares.
Nova-Cruz—Francisco A. Correia.
Santa Cruz—Theophilo Osvaldo.
Macau—Joaquim Virgolino de Souza.

2. DISTRICTO

Angicos—José Rufino C. Pinheiro.
Assú—Arthur Napoleão S. de Macêdo.
Principe—Presidente do C. Republicano.
Imperatriz—Manoel de Souza Pereira.
Mossoró—Manoel Virgolino Cesar.
Apody—Capm. Joao' Nogueira de Lucena.

A REPUBLICA

Não se illudão

O ministerio e seus assecclas estão inebriados na celebração da grande victoria eleitoral.

Andava-se a fallar na proclamação da republica e sabe do ventre das urnas mais uma camara para desmentir a gritaria revolucionaria!

Pode o sr. conde d'Eu descançar que ha tempo para esperar a execução do programma dynastico, annunciado no fallatorio do Recife.

A familia imperial tem ainda muitos mil contos que consumir, porque o brioso corpo eleitoral não cedo não está disposto a contrariar-a com a babuseira de opinião nacional.

Individuos acostumados a receber os factos brutamente, apenas nos seus resultados palpaveis, immediatos, que podem illudir sua verdadeira significação, sem aprofundarem o olhar nas origens determinantes das maravilhas, vêm na comedia de 31 de agosto uma victoria da monarchia.

Mas o que exprimem as eleições neste paiz senão que todos os governos são bons? Onde hontem os conservadores se mostravam com uma pujança enorme, o partido liberal consegue hoje o mais completo triumpho.

Para não citar exemplos a mãos cheias, basta lembrar o caso dos primeiros districtos desta provincia e da capital do imperio. No ultimo d'estes onde se presume existir o que ha de mais independente e culto na metropole brasileira, o sr. Ferreira Vianna, que o anno passado era eleito quasi unanimemente, a ora apenas obtem 300 e tantos votos, abrindo lugar ao barão de Paraná, que foi inventado pelo ministerio, porque tem alguns mil contos e pode gastar com a politica.

Nós somos um paiz de 14 milhões de habitantes, que conta como eleitores muito menos de 200 mil cidadãos, dos quaes muito grande parte se abstem de comparecer ás urnas. Divididos em circumscripções acanhadas, onde se conhece os interesses particulares de cada um, compoem

um eleitorado apontado a dedo, cabalado de porta em porta.

O funcionalismo publico, pelo menos em 23 districtos, representa fortissimo elemento; a politicagem miseravel, que faz do serventario do Estado um alagado das situações dominantes, não trepida deante do desamparo das familias para aproveitar esse elemento importante.

Depois destes vicios vêm os pretendentes a empregos vagos e a vagar, barganhadores de votos a quem quer que seja; vêm os que votão levados por affeições pessoais, sem cogitar das idéas, do interesse commum; vêm os enfeudados aos mandões dos municipios, homens que perseguem, processão e recatam.

Reduzido e conhecido o assaio o campo da batalha, os generaes do governo avançam desassombradamente, maxime quando são garantidos por um ministerio, como o do sr. Affonso Celso, que põe-lhes na cabeça um cesto de crachás e dragonas e nas mãos uma lista de empréstimos á lavoura e outras pechinchas mais.

Venha em novembro para o governo o sr. Paulino, derrotado estrondosamente no Rio de Janeiro, o baluarte conservador, e teremos uma camara de seu partido, quase unanime.

Partido sem organização, sem arregimentação, nem trabalho eleitoral, levando do seio da independencia nacional e honrado pelos sacrificios de seus membros, sem promessas cubiceveis, sem corrupção, sem cabala, nem intriga, o partido republicano, na primeira lucta em que se apresentou ao paiz no terreno ingrato de uma eleição mostron elementos respeitaveis, dignos da preocupação dos principes, se os principes, em sua vaidade, são capazes de perceber a latente formação das patrias sem rei.

Comparados os votos republicanos com os conservadores do Rio de Janeiro, Minas, S. Paulo e R. G. do Sul, pode-se dizer que a superioridade foi nossa em frente de um partido, hontem apeado do poder, acenando com a esperança das desforras, arrimado na disciplina dos velhos elementos partidarios, que faziam o seu desvanecimento, sendo para notar que no Rio G. do Sul sempre se cuidou pouco de arregimentação eleitoral.

Se nós tivéssemos sufragio universal, mesmo corrigido pela exclusão dos analfabetos, tornando impossivel a corrupção; se o candidato não podesse ser acreditado em suas promessas de empregos a 5, 10, 15, 20 mil individuos; se o pretendente-leante da concurrencia de 2, 3, milhares de ambiciosos, não se podesse fiar em cantigas, as eleições passarião a ser uma cousa seria talvez, o interesse publico seria em geral a causa determinante do voto e o candidato não seria um canalista de cochichos e intrigas, de rancores e corrupção.

Então o governo não venderia as eleições tão facilmente, operando a face ao paiz bruscas mutações parlamentares dentro de poucos mezes.

Não se illudão porem os inebriados admiradores da habilidade affonsina. A camara do escravismo, que o sr. Cotegipe fabricou para seu uso, transformou-se na assembléa-abolicionista, que votou a lei de 13 de maio, quasi em proclamação como um meeting do Polytheama.

O que influe nos graves momentos da vida politica do paiz não é o automatismo de alguns milhares de eleitores, cuja independencia todos nós conhecemos, mas sim a massa excluida das urnas que brame ás vezes cá fóra, fazendo sentir aos grandes que o povo pode erguer-se todo.

A Republica não ha de ser proclamada por uma camara eleita em nome do partido republicano, mas ha de ser-a revolucionariamente, e um dos meios revolucionarios, que nós esperamos, é a proclamação feita por uma camara, que tenha sido inventada para matar a hydra da revolução.

A historia não mente.

Sem idéas, sem dedicação dynastica, os no meados de qualquer 31 de agosto podem ceder ao primeiro combate de agitação nacional pela republica. Esperamos.

Assembléas provinciaes

Assiduos zeladores dos interesses da provincia, conhecendo em todos os ramos da vida social o que melhor convém á sua prosperidade, fomentando a riqueza, desenvolvendo a instrucção e garantindo a ordem, impondo-se enfim ao respeito publico pelo patriotismo de seus actos, eis o que deveriam ser as assembléas provinciaes.

Em vez disso, porém, essas corporações, que tanto se têm abatido e desmoralisado, constituem a arena, nem sempre limpa de um partidarismo desorientado e ego, tendo por dogmas umas tantas maximas, que não passariam sem protesto n'uma assembléa de coriolanos.

Não podemos nem queremos reformar o mundo, já encontramos os precedentes... eis a synthese do seu modo de pensar e de seus actos.

Em face da administração as assembléas provinciaes ou se mantem n'uma docilidade passiva e inerte, ou abrem conflictos improductivos, onde nem sempre o bem publico é o movel e o estímulo da luta.

Os presidentes que não têm assembléa sua facilmente acham geito de reduzir á zero o papel dos deputados.

Uma serie de tramas, surpresas e emboscadas, que aviltam a respeitabilidade da corporação e degradam a dignidade do governo, repetem-se com frequencia, enchendo de desgosto e desanimo os espiritos sérios.

Os adiamentos em geral não passam de uma trica politica, onde os interesses publicos são sacrificados a mesquinhas conveniencias partidarias.

Os orçamentos, a questão mais importante e grave de que se devem occupar os deputados são meros arranjos a geito da politica dominante.

O ultimo bienio da nossa assembléa provincial foi de uma estérilidade lamentavel.

Os orçamentos são recambiados, eternizando velhas leis que deveriam ser necessariamente reformadas, uma vez que a provincia soffre alterações profundas em sua economia.

Mas uma medida optima para o bem commum, pôde não convir aos amigos, e o patriotismo neste caso é uma palavra de grande effeito para os artigos de jornal e para os discursos, mas sem applicação na existencia pratica dos partidos.

Ainda agora a assembléa, adiada por motivos futeis tinha de reunir-se justamente n'uma epocha eleitoral.

Na eminencia do pleito (o que pleito!) os liberaes a rancore mutuaente os dentes, trocando entre si epithetos de rancorosa disputa os deputados, em geral chefes ou influentes politicos em suas respe-

ctivas localidades, a enormes distancias da capital, todos interessados no resultado da eleição, não haviam de deixar o pé rolar no sertão sem tomar parte na campanha.

Era um caso para adiamento, talvez mais justificado e razoavel do que costumava acontecer. Mas a alta sabedoria dos governos lá tem os seus motivos e nos olympicos mysterios da administração não penetram ingenuos profanos.

O resultado foi abandonar todos a casa—conservadores, governistas e bernardistas, e ficarmos sem leis, sem providencias até urgentes que reclama o estado da provincia, e com o phibido orçamento de 86; porque aquella que a assemblea quiz impingir ao Sr. Rosa e Silva, seu adversario, e que por ser soffivel constituia uma formidavel pirraça á administração conservadora, o Sr. Paulo Barretto, seu amigo, tambem lhe não achou gosto e devolveu-o!

Tudo isso justifica a opinião de que a assemblea é uma inutilidade, um pouco caso, tendo perdido nos ultimos tempos até o interesse das discussões apimentadas.

Nem leis, nem descomposturas para regalo das galerias.

Não sabemos se os deputados mordem o subsidio pelo trabalho de não pisarem na assemblea; a verdade é que a provincia não lhes deve nada; e para o anno, *pro variar*, vamos ver os liberaes espreguçando-se com gosto na mesma lei de meios que tão patrioticamente procuravam arrancar aos conservadores, por acharem-na ruinosa para os cofres e cheia de defeitos.

São bons, todos...

MACIEL PINHEIRO

Dá-nos *O Norte* a grata noticia de achar-se melhor de seus padecimentos e livre de perigo o seu illustre redactor, o notavel publicista Maciel Pinheiro, festejado chefe republicano de Pernambuco, uma alma de verdadeiro patriota e um dos mais vigorosos espiritos da presente geração.

Sincera e cordialmente felicitamos o benemerito jornalista pelo seu restabelecimento, dando ao mesmo tempo parabens ao nosso digno collega *O Norte* por ver de novo entre os batalhadores de sua nobre causa o Sr. Maciel Pinheiro.

O Sr. Nabuco acaba de declarar publica e solemnemente, em Pernambuco, que não abjurará da sua bandeira federalista, e que irá fazer opposição ao gabinete, que não tem a coragem de sustentar o compromisso do partido. Pergunta pelos seus collegas signatarios do projecto, entre os quaes figura e presidente da provincia, e espera-os no parlamento.

O directorio liberal não recebeu o Sr. Nabuco como amigo. — O proprio Sr. José Mariano não appareceu. Brigam os deuses...

Consta-nos que o imperador, ao saber das votações republicanas nos diversos districtos mostrou grande surpresa pelo avultado numero de patriotas, que resistiram aos baronatos, commendas, auxilios, & & no pleito de 31 de agosto.

Da primeira vez que se encontrar com o Sr. Ouro-Preto, ha de perguntar-lhe:

—Então não me prometteu que daria cabo d'elles?

—Senhor, cara-duras ha em todos os partidos, e comprei alguns republicanos de oitva; mas em geral é gente dura de roer. Respondem com desafêro ás promessas mais seductoras!

O CORONEL JOÃO GUALBERTO

Amigos e admiradores do prestimoso e estimado cidadão sr. coronel J. Gualberto Martins Costa fizeram-lhe ha dias, imponente manifestação, em S. José da Lagôa, por haver este illustre chefe po-

litico recusado o titulo de barão, com que fora agraciado pelo governo.

A' imponente demonstração associaram-se as pessoas mais distinctas da localidade, assim como o partido republicano, que, *au complet*, se fez representar na solemnidade.

Pelos tempos que correm, este desapego ás honrarias gastas, mas ainda seductoras, para não pouca gente, é muito de ser tomado em consideração.

Nossos parabens ao festejado, assim como aos que tiveram a idéa de honrar esse acto de nobre independencia.

RONCA TROVOADA NO OLYMPO

A contradança no ministerio da guerra tem agua... no bico.

Latet anguis in herbis.

Corre á bocca pequena que o sr. Maracajú não teve topete para deportar alguns officiaes superiores que não perfilaram armas á dictadura Ouro-Preta. O que for soará:

O sr. Candido de Oliveira é theorica e praticamente um homem: péo para toda obra—limpa ou suja. E' um recommendão.

Póde limpar as mãos á parede.

BARÃO DE CORURUPE

Lê-se no *«Guttenberg»*, diario que se publica em Maceió, das Alagoas:

O sr. commendador Miguel Soares Palmeira, residente na cidade de S. Miguel, desta provincia, não aceitou o titulo de Barão de Coruripe, com o qual foi ultimamente agraciado pelo governo imperial.

TRIUMPHO MORAL

Do *«Correio do Povo»*:

O sr. visconde de Ouro Preto encontra o dr. ... e pergunta-lhe, ironico:

—Então, doutor, quantos deputados republicanos virão?...

E espera, sorrindo, a resposta.

—Pelo menos, um—replica o dr. ...

—Qual?—interroga ansioso o descendente de Joaquim Silverio,—ao menos descendente espiritual.

—O filho de v, ex.

E não se rejubilou o visconde por justiceiro, ter começado por casa a corrupção politica.

A "resposta necessaria"

Chama-se assim um estopante embroglio que acaba de publicar no *Correio do Natal*, o sr. João Ferreira Nobre, ex-republicano decidido a todas as eventualidades, transformado hoje em monarchista ferrênhu, que nos ameaça com *porão de navio e par de machos!*

Valtudo reso...

No cartissimo prazo de 6 mezes 3 evoluções se têm operado no espirito de s. s.

—A 27 de janeiro achava o imperador o maior inimigo dos brasileiros, liberaes e conservadores gente deshonesto e demoralizada, a monarchia um montão de ruínas...

—A 18 de agosto a timidez entra-lhe n'alma de patriota, pede desculpa de abandonar o partido republicano, porque tem medo de sangue, e entra com abnegação louvavel nas fileiras do governo...

—A 11 de setembro, finalmente, eil-o arrogante e despótico a falar-nos em presidio, deportação, degraço, canhoeira de guerra, par de machos, grossas gargalheiras.... o diabo.

O homem começa por dar-se uns ares interessantes de insultado, quando não cita nem uma palavra aspera e offensiva em tudo que escrevemos; entretanto chega entre muitas outras amabilidades a dizer—que o partido republicano é uma bandalheira, expressão baixa e sem nobreza.

No que respeita aos conflictos havidos com os republicanos s. s. faz-se de innocente. Todos sabem que tem sido sempre elles os provocados e os agredidos, e se reagem estão no mais incontestavel direito. A guarda negra, a policia secreta, a capangagem assalariada, elementos todos monarchicos, eis as causas da desordem.

Que a REPUBLICA se fará entre festas é a convicção que nutrimos, e comnosco pensam notaveis publicistas, profundos conhecedores do espirito nacional.

O que os editaes da policia e circulares do ministerio estão hoje prohibindo, ha bem pouco tempo, os liberaes proclamavam como um direito garantido na lei e inviolavel ante a razão e a justiça.

O sr. Nobre mostra-se quixotesicamente escandalizado pela expressão *conquistado*.

Não teria razão ainda quando fosse sincero: nós tambem todos os dias conquistamos adhesões, e os nossos novos correligionarios não se melindram com a palavra; nós mesmos somos uns conquistados da grande e generosa idéa republicana... Mas logo adiante descobre-se a manha da fingida indignação; em torno á palavra *conquistado* s. s. enfeicha um montão de desperates tolos e alevies indecentes, que lhe devolvemos, inclusive a sordidez cambronesca do estylo.

O nosso homem anda ansioso para proclamar que na sua cambalhota politica nada *mordido*, que não pediu nem lhe prometteram nenhum arranjo. Ingrato e inutil trabalho, nos parece este, uma vez que não dissemos que s. s. tivesse mercadejado com o seu voto.

Bastava explicar que o haver passado para os liberaes, assim que subiram, fora uma mera coincidencia. Todos acreditavam, e estava acabado...

No mesmo periodo acrescenta—que ninguém lhe vá bater á porta com peitas ou soborno, que não consegue nada.

Isto não é comnosco; não é o nosso systema. Os liberaes tambem já o conquistaram pelo movel desinteressado e puro dos principios, não precisam recorrer a meios reprovados... Talvez seja com os conservadores.

Fiquem estes avisados de que vão de *carinho* se pretendem corromper o novo ex-correligionario.

Inventou feiamente a historia de que pretendemos vaiar o conde. Como já estão familiares, parecem amigos velhos! o conde, diz elle, assim como quem diz—o Joca, o Chico. No 3o reinado s. s. ha de trocar com o futuro imperador expressões camaradescas e amistosas, não sendo inverosimil este dialogo:

—Adeus, Nobre!

—Como vós, conde?

—Então, a canalha dos republicanos?...

—Tudo no porão da canhoeira, a ferros a corja!

Mas quem lhe metteu na cabeça a vaia ao seu amigo conde? Não diga as cousas de oitiva. Nós não demos nenhuma importancia á passagem de S. A. e assim fez em geral a população; faltassem os retirantes para a manifestação, que veríamos a massa de povo que esperou o illustre viajante.

O conserte chegou, andou e raspo se no

meio da indiferença publica, deixando desiludidos os seus futuros subditos.

Confessando-se arrependido de se haver transviado, o liberal em segundas núpcias acothe-se piedosamente a este consólo: *serão saltos os que em tempo se arrependerem!* Está all, está no reino do céu. Que lhe faça bom proveito

Impenetravel ao nosso obtuso engenho foi uma historia de *coburgos* que o auctor cu-chertou no seu bello escripto. Positivamente *in albis* . . . a respeito dos *coburgos*— Não mettemos o dente.

Termina tristemente. A impressão jubilosa e recreativa que sente o leitor daquella feijoada politica, de repente se transforma em desgosto e pesar.

A ironia alegre do sorriso esmorece nos labios, para dar lugar a um sentimento de dor que confrange, e de repugnancia que acabrunha, quando vemos um filho baixar á sepultura de seu pai, hypothecando á improbidade politica o caracter de um morto respeitavel.

Afora esta nota desgraçada, infeliz, o artigo do ex *denodado republicano* hoje liberal terrorista é umas vezes desafortado, mas em geral divertido. Custou, mas veio obra de valor.

Diz s. s. que não voltará mais á imprensa, Nós tambem não podemos estar aqui promovendo-lhe a celebridade; temos assumptos mais uteis e menos aborrecidos.

Seja feliz!
Em paz... e ás moscas!

COLLABORAÇÃO

Carnaval em setembro

O povo do Rio de Janeiro é perdido pelo carnaval. Pode haver calor de torrar, a febre amarella pode flagelar, como quiser, desde Bolafogo até o Sacco do Alferes, que esse povo ha de vir para a rua rir, lagarellar, ha de ir para os bailes dançar, pinótear, sem lembrar-se de que a empresa funeraria não tem mãos a medir para satisfazer a freguesia em caminho para o Caju.

Se é assim em fevereiro ou março, com trinta e tantos graus de calor, avalie-se o que não fará essa gente n'um dia fresco, como o de hontem, quando o largo do paço e a rua do Ouvidor offereciam o aspecto de um dia consagrado a Moço.

Os festejos do dia consstião em dois corétoes no largo do Rocío, ornados de papelão pintado e bambinelas baratas, tendo no alto os re-

FOLHETIM

A REPUBLICA EM THEORIA

Temos insistido n'alguns pontos capitaes, que estabelecem differenças de primeira ordem entre a monarchia e a republica. Ainda a uma circumstancia importante alludiremos, antes de deixar o capitulo que intitularmos — *A Republica em theoria*.

As fórmãs de governo não constituem por si sós um fim da actividade social do homem. São apenas meios, para mais facilmente se conseguir a livre expansão das faculdades do individuo. Assim, a melhor fórmula de governo será aquella, que menos estorpecer os nossos movimentos, que menos entorvar o nosso trabalho, que melhor se adaptar aos variados progressos da epocha contemporanea.

Resolver o problema politico, mesmo no sentido mais democratico, é pouco ou pelo menos não é tudo. As formas politicas são a vestidura das sociedades. O verdadeiro corpo social é mais alguma cousa. E' o conjunto de interesses economicos, industriaes, commerciaes, artisticos, scientificos, etc., em que se reparte o labor quotidiano de uma sociedade de homens civilizados.

Ora estes entresses complexos têm que ser especialmente attendidos, e a solução das diffi-

tratos dos dois imperadores; nas classicas salvas de artilheria em frente ao quartel general; em duas sessões massantes, celebradas em theatros, onde fez-se ouvir o principe D. Pedro para dizer asneiras contra os martyres da Inconfidencia; e no conhecidissimo cortejo no paço imperial, que os commendadores aproveitão para exhibir todos os penduricalhos, que os desvanecem.

Antigamente o povo festejava a data da independencia, tinha enthusiasmos, cantava a *brava gente*; mas depois foi-se convencendo que os aduladores estavam a faser das festas homenagem á dymnastia e que esse *heroe do Ypyranga* não passa de um heroe de estatua, muito bom para ser lithographado com o acompanhamento do cavallo, indios e jacarés para divertir a creança. E desde ali o povo foi-se furtando á festaria e poz-se a pensar que precisamos de um dia de festa nacional, porem completo, sem farça nem aventuras gananciosas.

Era por isso que os taes cortejos do paço fazião-se ultimamente lá entre os medalhões, sem que a curiosidade publica se movesse para ir ver aquellas casacas.

O Sr. Candido de Oliveira operou o milagre de dar vida aos arredores do casarão de D. João VI no dia 7 de setembro O chanceler do imperio organison a officiosidade... queremos dizer, a guarda nacional.

Quando se soube que o commendador Malvino ia apparecer á frente de artilheiros, fardado, porte marcial, marchando em direcção ao paço, o povinho acostumado a vê-lo no armazem, nos bancos, na Praça, burguez muito pacato, á paisana, quando muito um pouco exaltado em alguma discussão sobre o theatro nacional, o povinho, disia-mos, moveo-se por toda a parte, queria vê-lo, queria admirá-lo, a elle e mais ao seu Fonseca, o padeiro da esquina tal, que estava feito alferes, e tambem ao *sór Antonio*, amanuense disto ou d'aquillo, que tinha sido nomeado capitão, e ainda ao tenente Fulano, que era visinho lá de casa, e muitos outros mais.

Pouco depois de meio dia começou a chegar a officiosidade, não trazendo soldados, é verdade, mas em compensação apresentando duas bandas de musica, arranjadas nas sociedades *Prazer* ou *Filhos de qualquer cousa*.

« Não é o habito que faz o monge ». Nunca esta sentença do bom senso popular teve tanta applicação. A farda cobrindo o peito do soldado que consagra sua vida ao serviço da patria, arregimentado, tragando dissaberes, de subito atirado para longe dos seus, ameaçado a derramar o proprio sangue, é respeitavel, nobre, armadura de valor; a espada empunhada pelo militar representa o brilho da coragem, o respeito á força; as dragonas, os galões despertam a veneração pelos fortes, pelos heróes. Tudo isto, porém, adornando um paisano, mal amanhã debaixo de tantos petrechos, é irrisorio, lembra heróes de comedia, revive o capitão do *Novo Otello*.

« Não é o habito que faz o monge ». Nunca esta sentença do bom senso popular teve tanta applicação. A farda cobrindo o peito do soldado que consagra sua vida ao serviço da patria, arregimentado, tragando dissaberes, de subito atirado para longe dos seus, ameaçado a derramar o proprio sangue, é respeitavel, nobre, armadura de valor; a espada empunhada pelo militar representa o brilho da coragem, o respeito á força; as dragonas, os galões despertam a veneração pelos fortes, pelos heróes. Tudo isto, porém, adornando um paisano, mal amanhã debaixo de tantos petrechos, é irrisorio, lembra heróes de comedia, revive o capitão do *Novo Otello*.

culdades e das crises, que a sua co-existencia n'um meio qualquer levanta, não se encontra n'uma simples mudança de fórmula politica, muito embora ella seja profunda e radical.

Mas se o problema politico não resume em si todos os outros problemas sociaes, está com elles em intima connexão, como de restó são connexos todos os elementos de uma sociedade qualquer.

Voltando á imagem que ha pouco empregamos é claro que se as formas politicas são a vestidura do corpo social, mal pôde este creseer normalmente se aquellas persistirem em conservar os velhos moldes e as acanhadas dimensões de uma idade anterior.

Como poderia desenvolver-se a creança se tomassem em conserval-a ligadas na facha da primeira infancia? E como poderia o adolescente converter-se no homem feito e robusto, se chegado o momento apropriado não escolhesse vestidura mais ampla e mais adequada ao seu futuro crescimento?

Pois, o que é indispensavel ao individuo, não é menos necessario á sociedade. A forma politica, que bastou á expansão civilisadora de uma certa epocha, tornou-se incapaz de conter em si os progressos da epocha seguinte. Que pulso de ferro seria capaz de ajustar aos membros possantes das nações modernas as vestes, que estas nações envergaram quando estavam ainda perto do seu berço?

Pôde qualquer de nós apreciar muito a boa pessoa, que ali está fardada, mas ha de rir por força largamente.

Foi o que hontem aconteceu. Milhares de pessoas postavam-se em frente a todos os lados do Paço e gargalhavam gostosamente deante da exhibição de pennachos, e galões da luzida rapaziada—guarda nacional.

Quando não havia alguem chegando, os olhares voltavam-se para as janellas. Os leitores não de pensar que o paço é um palacio bonito, decente ao menos; estão muito enganados. Não sabemos se por ser dia de festa, os moradores do andar inferior expunhão nos peitoris das janellas ou em cordinhas nestas atravessadas roupa velha lavada enchugando á viração—meias furadas, toalhinhas e panninhos de uso desconhecido aos espectadores da festa.

Quasi á hora da cerimonia chegou ao paço um preto muito conhecido na cidade pela originalidade de trajar e de modos e que se intitula principe Obá II d'África. Vinha espectacularo; cazaca agalloada, chapéo armado, guarda-sol, bengala e o atrevido monoculo azul dirigido contra a multidão, que batia palmas n'uma verdadeira ovação de rizo, muito espirituosa e significativa. Obá inclinava-se e acenava com o chapéo de um lado para outro, commovido talvez, e visivelmente convencido da justiça e seriedade da manifestação.

Diante desse espectáculo não houve alma de republicano que não exultasse.

O imperio em seo desespero, pela mão dos reformadores da guarda nacional, forma uma insticia carnavalesca para «apresentar armas ás instituições juradas» e o povo a recebe no meio da chacota. O rei chega para o cortejo e passa diante da multidão indifferente; o principe Obá, que representa o ridiculo das magestades, faz caminho por entre a alegria zombeteira do povo.

Muito bem! Essa monarchia e esses braganças não são dignos senão de gargalhadas. Quem sabe se não lhes está preparada uma revolução assim, com assobios e alguma couza mais?

Rio, 8 de Setembro de 1889.

SOLLICITADA

Minha politica no Rio Grande do Norte

Por occasião de minha visita em principios deste anno á essa provincia, propalou-se a *lembrança*—de que seria eu candidato a um lugar de deputado geral nas proximas eleições, *esperando* o apoio do governo e do partido conservador, a que pertencia.

Appareceram por então, como era natural,

O que são as revoluções politicas?

São os processos violentos de que lança mão um povo, para se libertar de uma fórmula de governo que o opprime, por querer com os seus velhos moldes ajustar-se ou antes impor-se ás novas necessidades da epocha.

O que é prudente, pois, para evitar estes cataclimos que aqui e ali, a todo o momento, estão perturbando o progresso regular e pacifico das nações modernas? E' não permittir que uma fórmula de governo qualquer se cristalise, forçando-a pelo contrario a ceder o passo a uma forma mais perfeita, logo que as necessidades da civilização o reclamem. Só assim se evitarão as revoluções, transformando-se em evolução fecunda e benefica esses movimentos desordenados e incoherentes, que infelizmente são ainda hoje em certos casos uma triste mais inexoravel necessidades das nações!

Mas qual é o critério, para se avaliar a oportunidade da mudança de uma determinada fórmula politica?

A oportunidade d'esta mudança está naturalmente indicada, quando a forma de governo, de que se trata, perde o prestigio com que se impunha á nação e começa a ser geralmente discutida. E' uma lei fatal da historia, que nao' soffre quebra ou excepção

[Cont.]

que os meus comprouvianos acolheram o meu obscuro nome com a maior generosidade.

Este facto, que penhorou-me em extremo, devo aqui confessar,—não somente tornou-se para mim um motivo de sincero reconhecimento, mas também tomei-o, desde logo, como devendo servir-me de ponto de partida em qualquer jornada, que viesse a emprehender em minha provincia natal.

—Desligado, depois, do partido conservador e adherindo á causa republicana, pelas razões que dei na imprensa, é manifesto que eu deverei renunciar a hypothese de candidatura por aquelle partido, e que carecia tambem ainda de *competencia* para levantar uma pretensão semelhante no novo partido, em que acabava de inscrever-me.

—Desta sorte fiz o que cumpria, isto é, nada pretendi, *pessoalmente*, no pleito eleitoral, que se vai dar no dia 31 deste mez.

—Mas, agora, o porque deste artigo:—Diversos amigos ahi da provincia, que considero do maior aprego e influencia, me tem escripto, uns, pouco satisfeitos por suporem que, declarando-me, republicano, adiei a occasião de prestar bons serviços ao Rio Grande do Norte,—outros, censurando-me por não ter sido candidato, mesmo agora, porque, pensam elles, segundo *taes e taes combinações*, da politica provincial, eu poderia obter inteiro successo...

Não quero discutir o *contra* de *taes* pareceres, que sobretudo me lisonjeam pelo sentimento amigo donde partem; mas, em referencia, pareceu-me opportuno publicar o presente artigo, cujo intuito é significar, de uma vez por todas, qual é a *minha politica no Rio G. do Norte*.

—Filho dessa provincia, e hoje, por demais inteirado, e conuido do abandono com que a tem tratado a publica governança,—só um objectivo procuro em qualquer pretensão de caracter politico: é ser util ao seu desenvolvimento e ao seu progresso, dentro dos limites de meus esforços. Esta é a minha bandeira, esta seja a *brictola*, porque cada um deverá medir o alcance de minhas aspirações.

Republicano, pela convicção profunda de ser este o meio actual, mais proficuo, de melhor servir ao paiz, penso, que não ha nisso um obstaculo serio, para que desmereça a confiança daquelles comprouvianos, que me julgam no caso de bem servir á provincia. Ao contrario, é intuitivo, que, fóra dos *partidos constitucionaes*, terei maior liberdade de fallar, obrar e exigir muita cousa que não seria licito aos *arregimentados* da monarchia...

Quem me reputava digno de acolhimento por acreditar no merito de meus esforços ao serviço da provincia, si era verdadeiro esse sentir, parece, que não deverá negar-me, agora, o mesmo apoio, só porque careço do appellido de *liberal* ou *conservador*: seria preferir nomes vaõs, que nada exprimem presentemente em vez da pessoa, que alias dizeis merecer a vossa confiança!

Demais, em partido, eu sou hoje o que amanhã seremos todos; porque ja não é licito ao bom senso duvidar da republica no Brazil.

—Os partidos monarchicos, todos sabem, estão *esphacelados buldos*, de *prestigio*,—e no todo incapazes de fazer a *regeneração organica* precisa no corpo da Nação.

—Si fosse preciso citar exemplos, eu apontaria, mesmo agora, o que se tem dado nessa provincia: um chefe prestimoso, um cavalheiro distinctissimo, cheio de serviços e sacrificios,—*querreado*, *espesinhado* pelo governo do proprio partido, somente porque elle teve o brio da dignidade, e sustentou a honra do compromisso!

Assim, pois, para resumir quanto tenho em vista com a presente publicação, concluo com esta curta explicação:—hoje republicano, como hontem conservador, não me deixarei jamais *desvairar* pelo sentimento partidario, *exclusivamente*,—mas, ao contrario, mantereí sempre as mesmas vistas em relação ao Rio Grande do Norte, isto é,—ambiciono ser-lhe util, quanto possível, no desempenho de qualquer mandato de que os meus comprouvianos me julguem digno.

Si os que acreditam na proficuidade de meus serviços pensarem do mesmo modo,—por certo, ficarão vencidas todas as distancias que nos separam, e marcharemos unidos na obra commum dos interesses provinciaes.

Rio de Janeiro, 25 de agosto de 1889

AMARO CAVALCANTI

SUBSIDIO HISTORICO

REINADO DE D. JOÃO V

Felippe dos Santos, 1º martyr da Republica no Brasil, arrastado e esquartejado a 21 de Julho de 1720.

D. MARIA I

Joaquim José da Silva Xavier, enforcado e esquartejado a 21 de Abril de 1792.

D. JOÃO VI

José Ignacio Ribeiro de Abreu Lima, fuzilado a 20 de Março de 1817.

Miguel Joaquim de Almeida e Castro, fuzilado a 12 de Junho de 1817.

Domingues José Martins, fuzilado a 12 de Junho de 1817.

D. PEDRO I

Dissolução da constituinte á mão armada, a 12 de Novembro de 1823.

Agostinho Bezerra, Lazáro de Souza Fontes, Antonio Macario de Moraes, Francisco Antonio Fragoso, Antonio do Monte Oliviera, James Rodgers, Nicolau Martins Pereira, Gonçalo Ignacio de Albuquerque Mororó, João Andrade Pessoa, Francisco Miguel Pereira Ibiapina, Luiz Ignacio de Azevedo, Feliciano José da Silva Carapinima, enforcados e fuzilados em 1825 pelo crime de proclamarem em 1824 a confederação do Equador.

Frei Joaquim do Amor Divino Caneca fuzilado a 13 de Janeiro de 1825.

João Guilherme Ratcliff, enforcado por suggestões da rainha Carlota Joaquina, a 6 de Março de 1825. Sua cabeça e mãos foram salgadas por Pedro I e remetidas para Portugal dentro de um barril de salmoura.

João Baptista Líbero Badaró, assassinado a 20 de novembro de 1830.

D. PEDRO II

Dr. Joaquim Nunes Machado, assassinado em combate a 2 de Fevereiro de 1849.

Pedro Ivo Velloso da Silveira, adesaparecido da prisão a 22 de Abril de 1851. (Extr.)

OS REPUBLICANOS E OS EMPREGOS

Sr. Redactor—Talvez não tenha passado desapercibido á sua attenção um facto, que, no momento, reputo digno de ser ponderado e que por isso, tomei para assumpto da presente missiva á esta illustre redacção.

O facto é o seguinte: Sempre que algum individuo, declarado republicano, é nomeado para qualquer emprego publico, apparecem uns *tantos commentarios*, á guisa de desabono á pessoa do republicano nomeado!

Desabidos, desarrastados são, sem duvida, os *taes* commentarios.

Todo o mundo sabe, que os *empregos* ou *encargos* publicos são creados pela nação, exercidos em bem dos interesses da nação, nomeados pelos delegados da nação, *seus mandatarios*, e exclusivamente pagos pelos dinheiros da nação. Não ha, não pode haver outra theoria, ou sophysma diverso, como apparencia de verdade, perante o espirito e a letra do direito publico moderno, que regula essa materia.

Assim, pois, quer o individuo seja republicano, quer seja monarchista, desde que tiver as habilitações exigidas por lei, tem identico direito a pretender a exercer um cargo publico, apenas com uma restricção para o primeiro destes: é que não deverá acceitar o cargo, quando este involver a confiança, isto é a obrigação de concorrer para a estabilidade do regimen monarchico que a sua consciencia condemna, e vice versa, para o segundo.

A lei, que vigora no paiz, é igual para todos, quer liberalizando direitos, quer impondo obrigações.

Os republicanos, por exemplo, no Brazil embora inofensos á forma monarchica, estão sujeitos ás leis existentes: conforme estas, pagam impostos, servem no jury e noutros serviços de interesse geral, servem no exercito e na marinha e respondem, em uma palavra, por todos os seus actos e factos, perante as autoridades civis e judiciaes constituídas, e assim deve ser, como cidadãos brasileiros, que são.

O que ha em tudo isso, bem sabemos, é um resto das velhas e caducas tradições: muita gente ainda supõe que os *empregos são do rei*, como era outrora nos tempos do despotismo, isto é, quando a nação ou o povo era a *propriedade do soberano* por direito divino!

Resumindo, portanto, o que fica dito, tenhamos por materia assentada e fora de discussão: que a qualidade do individuo ser republicano em nada o inibe de servir nos empregos publicos, os quaes não são do monarcha, como talvez alguém pense, e sim da nação, á vista da qual vive e subsiste o proprio imperador e a propria monarchia.

Apenas ainda uma observação: é que o *republicano sincero*, acceitando o emprego, não transige com a sua consciencia de bom cidadão politico; serve á nação, mas sem se tornar instrumento da monarchia.

Rio, 12 de Agosto de 1889.

Agonates.